

O JULGAMENTO

Guião de

João Nunes

Ideia original de

Izaías Almada

STOPLINE FILMES

"O JULGAMENTO"

1) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (1970)

Silêncio. As casas de uma rua na cidade de LISBOA são vistas em perspectiva. Sobre essa imagem inicial surge o letreiro:

LISBOA, PORTUGAL 1970

CORTA PARA:

2) INT. CASA CLANDESTINA - DIA (1970)

No interior de uma casa há grande azáfama, mas em silêncio. Um MEIA DÚZIA de homens e mulheres estão reunidos clandestinamente. Entre eles podemos ver JAIME, vinte anos, estudante universitário, de patilhas compridas, pêra e bigode, e HENRIQUE, 10 anos mais velho.

CORTA PARA:

3) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (1970)

Discreto, um "boca-de-sapo" preto, dos anos 70, avança vagarosamente pela rua e estaciona.

A janela do passageiro abre-se e vemos o chefe de brigada MENDES OLIVEIRA, um homem moreno e forte de 30 e tal anos, de bigode. No carro há mais TRÊS AGENTES.

O olhar de Mendes Oliveira procura em redor e fixa-se num HOMEM MAGRO, que está encostado à parede de uma casa a fumar.

O olhar dos dois cruza-se por um momento. Depois o homem olha para as janelas iluminadas da casa e faz um ligeiro aceno de cabeça. Atira a beata para o chão e afasta-se no sentido contrário.

O inspector olha para as janelas iluminadas.

CORTA PARA:

4) INT. CASA CLANDESTINA - DIA (1970)

Em silêncio e de forma bem organizada os conspiradores imprimem panfletos numa máquina de *stencil*.

Jaime retira mais um molho de papéis impressos da máquina e passa-os a Henrique. Quando este os pousa em cima da mesa podemos ler claramente o seu título:

"PELO FIM DA GUERRA COLONIAL.

MANIFESTO"

CORTA PARA:

5) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (1970)

As portas do carro abrem-se em sincronia e TRÊS HOMENS à paisana saem para a rua. Mendes Oliveira é o último a descer.

Aproximam-se da casa, olhando em redor, certificando-se de que ninguém os está a ver.

Um dos agentes bate à porta com os nós dos dedos.

CORTA PARA:

6) INT. CASA CLANDESTINA - DIA (1970)

No interior da casa os conspiradores interrompem subitamente o trabalho quando ouvem alguém BATER À PORTA.

Entreolham-se, preocupados. Henrique faz sinal a Jaime para ir abrir.

HENRIQUE

Jaime...

Jaime tira um REVÓLVER 32 do cinto e aproxima-se da porta.

CORTA PARA:

7) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (1970)

A porta da casa abre-se. Os três agentes irrompem pela casa dentro com violência, mas sem barulho.

CORTA PARA:

8) INT. CASA CLANDESTINA - DIA (1970)

Outra batida. Jaime abre a porta com cuidado. Não é a Pide, mas sim MIGUEL, um médico de 30 anos, seco e de óculos, que entra pela casa dentro.

JAIME

O que é que se passa, Miguel? Há azar?

Jaime fecha a porta atrás dele. Miguel fala, ofegante.

MIGUEL

Prenderam o Marcelino!

Todos olham para ele, chocados.

HENRIQUE

O Marcelino?!

MIGUEL

Sim. A PIDE foi a casa dele hoje de manhã.

HENRIQUE

E apanharam alguma coisa?

MIGUEL

Livros e um "Avante".

CORTA PARA:

9) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (1970)

MARCELINO PONTES (30) é arrastado para fora da sua casa por dois agentes da PIDE. Está de pijama e tem uma gabardina jogada sobre os ombros, escondendo-lhe as mãos algemadas atrás das costas. Não tenta resistir.

Mendes Oliveira é o último a sair. Tem DOIS LIVROS e um PEQUENO JORNAL na mão. Olha em redor.

Alguém fecha as portadas da janela de uma casa vizinha.

JOANA (7), vestida de pijama, surge à porta. Consegue soltar-se dos braços da mãe, MARIANA (27) e corre para Marcelino, abraçando-lhe as pernas por trás.

MARIANA

Filha, vem cá! O que é que eu faço, Marcelino?

Marcelino tenta virar-se, mas os dois agentes continuam a puxá-lo.

MARCELINO

Vai para a tua mãe, Joana. O pai já volta.

(para a mulher)

Não te preocupes comigo, Mariana.
 Não te preocupes!

A mãe de Joana tenta ir buscá-la, mas Mendes Oliveira impede-a. O pido aproxima-se e separa Joana das pernas do pai, puxando-a com suavidade.

A rapariga olha para ele, chorando. Mendes Oliveira sorri para ela e agarra-a ao colo. A mulher arranca a criança dos braços do pido, com raiva contida.

MULHER

Tire as mãos da minha filha, seu-

MARCELINO

Tem calma, mulher. Leva a menina para dentro. Tem calma.

Marcelino é forçado a entrar no carro pelos dois agentes da PIDE. Mendes Oliveira junta-se a eles e o carro arranca, seguido pelo olhar desesperado de mãe e filha.

10) GENÉRICO

Montagem de imagens de arquivo do período do fim da ditadura em Portugal sobre um TEMA MUSICAL.

Sobre esta montagem vão entrando os créditos iniciais da série:

- discurso de Salazar;
- embarque de tropas para África;
- cenas da guerra colonial;
- GNR«s a empurrar camponeses para dentro de um camião;
- manifestação estudantil com carga policial sobre os estudantes;
- cenas da Revolução dos Cravos: Salgueiro Maia em cima de um chaimite no largo do Carmo;
- povo na rua com os cravos nas mãos;
- a multidão do primeiro 1_ de Maio;
- tropas barbudos num jeep;
- libertação dos presos de Caxias;

10A) EXT. CAXIAS – DIA (FLASHBACK)

Miguel e Jaime estão entre os presos libertados. Os dois amigos abraçam-se. A imagem congela sobre a cara de Jaime.

11) INT. CASA DE JAIME/SALA - DIA

JAIME FERREIRA, agora com 56 anos mas a mesma barba que sempre o acompanhou, dorme deitado num sofá velho, vestido, coberto apenas por uma manta aos quadrados. No chão, ao lado do sofá, está um computador portátil, uma garrafa de whisky tombada e um copo vazio.

O homem acorda. Franze os olhos incomodado pela luz do dia que entra pela janela da sala. Com a ponta do pé, descalço, faz rodar a garrafa, certificando-se de que está vazia.

Dirige-se a um armário e abre a porta inferior. Espreita para o interior mas não encontra o que procura. Abre uma gaveta. Abre outra. Na terceira encontra finalmente uma daquelas pequenas garrafinhas de whisky de dose individual. Tira-lhe a tampa, ainda de olhos franzidos.

Aproxima-se da janela e olha para o exterior, uma vista magnífica sobre os telhados de Lisboa, com o Tejo e o Cristo Rei ao fundo. Bebe o whisky de um trago.

Aproxima-se do computador que tem um documento aberto. É parte de uma cena inacabada de um livro policial. Faz deslizar o cursor, revendo o que escreveu. Depois fecha o portátil.

12) INT. FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA/ANFITEATRO - DIA

JOANA PONTES, professora de literatura, dá uma aula sobre Manuel da Fonseca - nome que está escrito a marcador no grande quadro branco. Tem 43 anos, que não a maltrataram, muito pelo contrário.

JOANA

"Cerromaior" é o romance mais conhecido de Manuel da Fonseca, e narra a luta dos camponeses alentejanos durante o período da ditadura. Uma luta que hoje está quase esquecida mas que se arrastou por décadas e foi fundamental para a conquista da democracia.

A turma ouve-a com atenção, tomando notas.

JOANA

Quem é que aqui sabe quem foi a Catarina Eufémia?

Os alunos entreolham-se, franzindo as testas. Ninguém responde.

Joana abana a cabeça e começa a limpar o quadro.

JOANA

"Cerro maior" foi adaptado ao cinema, há uns anos atrás.

(vira-se)

Se eu perceber que os senhores só viram o filme e nem tocaram no livro... também vão sentir a mão pesada da opressão. A minha...!

A turma ri-se.

JOANA

Caríssimos, tenham um muito bom dia.

A turma começa a sair.

13) INT. FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA/CORREDOR - DIA

Os alunos saem da sala apressadamente. Joana, com a pasta na mão, vem atrás deles. O seu olhar descobre Jaime, que está a falar com uma ESTUDANTE bonita. A rapariga despede-se dele e afasta-se antes de Joana se aproximar.

JOANA

(sorri)

E tu insistes!

JAIME

Se não for à terceira, é à quarta!

(sorri)

Não sejas tonta - é só uma aluna.

Jaime estende a mão para a cara de Joana e toca-lhe ao de leve.

JAIME

Como é que estás?

JOANA

Como é que hei de estar?

Encolhe os ombros.

JAIME

Não apareceste ontem. Fiquei à tua espera até tarde.

JOANA

Não perdeste nada. Não ia ser boa companhia.

(muda de tom)

Vais lá hoje?

JAIME

Vou, claro que vou. Posso ser muito esquecido, mas esta data eu nunca falho.

JOANA

E o Miguel e o Henrique?

JAIME

O Miguel vai de certeza. O Henrique, nunca se sabe.

Jaime olha para o relógio.

JAIME

Já estou atrasado para a minha aula. Até logo.

Dá um beijo rápido nos lábios de Joana e afasta-se apressado.

JOANA

Até logo.

14) INT. HOSPITAL INGLÊS/CONSULTÓRIO - DIA

MIGUEL MIRANDA é um médico de 66 anos, magro, de óculos, com um ar sério mas simpático. Tem vários exames nas mãos e está a falar com um HOMEM DE MEIA IDADE, que tem uma cicatriz na cabeça.

MIGUEL

Este TAC indica aqui qualquer coisa, senhor Domingos. Se calhar vamos ter de mexer aí outra vez.

O homem abre os olhos, assustado.

HOMEM DE MEIA IDADE

Outra vez, sô doutor? Mas isto há seis meses já estava tudo bem.

MIGUEL

Pois estava. Mas não se preocupe -
desta vez vai ser mais simples.

Ergue-se e contorna a secretária, ajudando o homem a
levantar-se.

MIGUEL

Não fique assim, homem. Daqui a um
mês já está aí para as curvas.

Os dois dirigem-se para a porta.

HOMEM DE MEIA IDADE

Sô doutor, não me está a esconder
nada, pois não?

MIGUEL

Claro que não, senhor Domingos. Vá
descansado, depois nós telefonamos.

Abre-lhe a porta e os dois apertam as mãos. O homem
coloca o chapéu na cabeça e vira as costas. Miguel fica a
vê-lo afastar-se, com ar sério.

Uma enfermeira de 26 anos, TERESA, aproxima-se dele.

TERESA

Como é que ele reagiu?

MIGUEL

Mais ou menos. Vou ter de o operar
quanto antes, porque assim ele não
dura três meses.

TERESA

Olhe que este mês já tem tudo
cheio, Doutor Miguel.

MIGUEL

Resolve-me lá isso, Teresinha. Vê
quem é que eu posso trocar por ele.

Miguel volta para a sua mesa.

ENFERMEIRA

A sua mulher ligou. Três vezes.
Pergunta se o doutor quer ir
almoçar com ela.

MIGUEL

Não, hoje não posso. Faz-me um
favor, Teresinha, liga-lhe tu e
diz-lhe que estou a operar.

TERESA

Eu?! Com os ciúmes que ela tem de mim? Acho melhor não, Doutor.

A enfermeira sorri e afasta-se.

15) EXT. MORADIA DE HENRIQUE/JARDIM - DIA

HENRIQUE SERRANO sai de casa. Tem agora 67 anos e um porte altivo. O fato feito por medida e a pasta italiana da melhor qualidade condizem com a casa da Quinta da Marinha.

Junto à piscina, apanhando sol de biquíni, está MARLA. Tem vinte e seis anos, é alta, com um corpo e uma beleza estonteantes.

Um JARDINEIRO de 30 e tal anos trabalha num extremo do jardim. Henrique olha para ele enquanto fala com Marla.

MARLA

Já vais, amor? Almoçamos hoje?

HENRIQUE

Ainda não sei.

Ela tira os óculos escuros.

MARLA

É que eu queria ir comprar aquele colar de ouro branco. Ia ficar tão bem com o vestido preto que me deste ontem.

HENRIQUE

Já disse que não sei. A minha secretária depois liga-te.

(pausa)

E já te disse que não gosto que estejas aqui quando o jardineiro está a trabalhar.

O homem debruça-se sobre ela, para a beijar. Marla desvia a boca e coloca de novo os óculos, amuada.

16) EXT. MORADIA DE HENRIQUE/PORTA DA GARAGEM - DIA

Henrique vai entrar num Jaguar estacionado em frente da garagem no momento em que o seu TELEMÓVEL TOCA.

17) INT. JAGUAR DE HENRIQUE - DIA

Henrique atende o telemóvel enquanto se senta no lugar do condutor.

HENRIQUE

Sim, Jaime.

INTERCALA COM:

18) EXT. FACULDADE DE LETRAS - DIA

Jaime está nos degraus da faculdade, falando ao telefone.

JAIME

Olá, Henrique. Não te esqueceste que dia é hoje?

HENRIQUE

É evidente que não.

JAIME

Então vais lá ter?

HENRIQUE

Ainda não sei. Depende da hora a que acabar uma reunião.

JAIME

Reunião ou passagem de modelos?

HENRIQUE

Quem me dera. É o problema da hidroelétrica, lá de Espanha. Tenho de resolver aquela merda ainda hoje, porque amanhã vou almoçar com o ministro.

JAIME

Poupa-me o discurso, Henrique. A Joana vai ficar triste se não aparecermos os três.

INTERCALA COM:

19) INT. JAGUAR DE HENRIQUE - DIA

Henrique encolhe os ombros e liga o carro.

HENRIQUE

Está, está, está. Eu vou ver o que consigo fazer.

Desliga o telemóvel.

20) EXT. CEMITÉRIO DOS PRAZERES - DIA

Joana está ajoelhada junto a uma campa, ajeitando um ramo de cravos vermelhos. Jaime e Miguel estão de pé, atrás dela.

Na lápide vê-se o nome "Marcelino" e uma inscrição. Joana fica um momento imóvel, de semblante pesado.

Depois tira três cravos do ramo e levanta-se. Dirige-se aos amigos, colocando um cravo na lapela de cada um.

Ficam os três em silêncio a olhar o horizonte.

21) INT. SALA DE REUNIÕES - DIA

Henrique está numa reunião com vários outros EXECUTIVOS numa sala imponente do 17º andar de uma torre de escritórios.

HENRIQUE

Meus senhores. Se eles querem a rede de alta tensão, vão ter de nos dar alguma contrapartida. Isso para mim é claro.

Uma SECRETÁRIA abre a porta e aproxima-se dele.

SECRETÁRIA

Senhor engenheiro. O seu compromisso - já está na hora. Quer que desmarque o almoço com a dona Marla?

Henrique confirma a hora no relógio e hesita.

HENRIQUE

Sim...

(para os
presentes)

Vamos terminar por aqui. Voltamos a falar amanhã, depois da minha reunião com o ministro.

Henrique abandona a sala.

22) EXT. CEMITÉRIO DOS PRAZERES - DIA

O jaguar de Henrique pára mesmo em frente do cemitério.

Miguel, Joana e Jaime saem nesse momento pelos portões principais, com os cravos ao peito, e dão de caras com ele a sair do automóvel.

HENRIQUE

Só consegui chegar agora,
desculpem.

JOANA

Obrigada, Henrique. Ainda bem que
vieste.

23) INT. RESTAURANTE - DIA

Jaime serve um copo de vinho a Joana. Henrique ergue o
copo num brinde. Miguel olha-o com um ligeiro sorriso.

HENRIQUE

Um brinde ao Marcelino. Um homem
íntegro, um bom pai de família, um
lutador que se houvesse justiça
neste mundo estaria hoje aqui
connosco.

JAIME

Ao Marcelino.

Batem os copos.

JOANA

A última imagem que eu lembro do
meu pai não é do funeral. É do dia
da prisão dele.

O silêncio instala-se por um momento. Depois Jaime sorri.

JAIME

Eu acho que nunca te contei, Joana.
No primeiro de Maio a seguir à
revolução andei a gritar o nome do
teu pai. Lembras-te, Miguel?

Miguel sorri também.

MIGUEL

Fomos da Alameda ao estádio 1º de
Maio a pé. Toda a gente a gritar
"25 de Abril sempre" e este maluco
a gritar "Marcelino, Marcelino".

JOANA

As pessoas devem ter achado que
estavas louco.

HENRIQUE

E não estavam muito longe da
verdade.

24) INT. RESTAURANTE - DIA/POUCO DEPOIS

A refeição já está avançada. Henrique olha para Jaime.

HENRIQUE

E a tua Catarina, como é que está?

JAIME

Vou amanhã vê-la na barra. No primeiro julgamento a sério do gabinete dela.

HENRIQUE

Já sem patrono? Temos advogada.

MIGUEL

Podes ter orgulho nela, Jaime. Nos dias de hoje já não há muita gente a acreditar em ideais.

JOANA

Se ela acreditasse em ideais não era advogada.

Jaime lança um olhar de lado para Joana.

HENRIQUE

Lá estás tu, Joana. Isso são preconceitos - os advogados não podem ser bons, os economistas não podem ser bons, os engenheiros não podem ser bons-

MIGUEL

Em relação aos engenheiros ela até tem alguma razão.

Henrique sorri, cínico.

HENRIQUE

A vossa relação com o dinheiro... Confessa lá - isso é tudo inveja.

JAIME

Só se for das tuas namoradinhas.

Joana dá uma ligeira cotovelada em Jaime.

JOANA

Vocês não mudam mesmo.

25) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS - DIA

Na sala de audiências do tribunal vão sendo revelados o JUIZ, os ADVOGADOS e o PROCURADOR do Ministério Público, que ouvem com atenção as alegações de CATARINA FERREIRA, uma mulher bonita, de 32 anos, vestida para a barra.

CATARINA

O meu constituinte alega que o sinal estava verde e não viu a criança que vinha na sua bicicleta...

ALGUMAS PESSOAS assistem à sessão. Na primeira fila, Jaime olha com orgulho para a filha.

Também se encontram presentes o PAI e a MÃE do menino atropelado mortalmente. Ela é uma mulher de 35 anos, elegante e digna no seu saia casaco cinzento escuro. Está em sofrimento, com lágrimas nos olhos.

CATARINA

Alega também que sentiu apenas um pequeno choque na parte lateral do carro, mas como é um mono volume grande, não percebeu que tinha atropelado alguém.

Sentado no banco dos réus, de costas para a audiência e para Jaime, encontra-se o arguido. É MENDES OLIVEIRA. Hoje tem 71 anos, dá pelo nome de Francisco Ferraz e é impossível conseguirmos relacioná-lo com o chefe de brigada da PIDE que vimos nas cenas iniciais.

CATARINA

Foi por este motivo, meritíssimo Juiz, só por este motivo e nenhum outro, que não prestou socorro à criança. O senhor Francisco Ferraz é um homem de bem, com carta de condução há 48 anos e nunca cometeu nenhuma infracção, conforme consta nos autos.

Enquanto ouve a sua advogada, Mendes Oliveira/Francisco Ferraz mexe EM CINCO MOEDAS que tem dispostas na mesa à sua frente.

CATARINA

Se tivesse a mínima ideia do que havia ocorrido, obviamente, teria parado a viatura e prestado todo o auxílio possível. É por isto,

meritíssimo Juiz, que vos peço a
costumeira justiça.

Catarina vai sentar-se. O cliente inclina-se para ela para lhe dizer qualquer coisa ao ouvido, ficando de perfil. Vemos que tem bigode e continua a mexer nas moedas enquanto fala.

O olhar de Jaime fixa-se no peculiar alinhamento de moedas. A sua expressão de satisfação muda repentinamente.

26) INT. EDIFÍCIO PIDE/SALA DE INTERROGATÓRIOS - DIA
(FLASHBACK)

Estamos numa pequena sala mal iluminada da sede da PIDE na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa.

Um homem está nu, de pé, com os braços erguidos em cruz. Trata-se de Jaime, que na altura tinha pouco mais de vinte anos. Vê-se que se encontra em grande sofrimento perante a tortura que está a ser submetido. Tem um olho negro e um lábio inchado, com um pouco de sangue no canto da boca.

Dois HOMENS em mangas de camisa estão atrás dele. Um fuma, recortado contra a luz de uma janela; o outro está sentado numa cadeira colocada ao contrário.

À frente de Jaime um vulto sentado numa secretária brinca com CINCO MOEDAS de cinco tostões, alinhando-as de uma forma particular. Um projector forte, virado para a cara de Jaime, impede-nos de ver o rosto do interrogador.

27) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS - DIA

O Procurador do Ministério Público começa a falar mas Jaime tem os olhos fixos nas moedas e mãos do homem sentado no banco dos réus.

PROCURADOR

Meritíssimo Juiz, o Ministério Público vai mostrar a este Tribunal que o arguido não só sabia que tinha atropelado a criança, como se pôs em fuga do local do acidente para não ser incriminado. Fugiu, para sermos mais precisos, praticando por isso um acto criminoso, ou mais exactamente um dolo eventual.

Mendes Oliveira ouve o procurador com um ar de displicência.

Atrás de si, Jaime olha para baixo, tem as mãos a tremer de nervos. Aperta-as com força uma contra a outra.

28) EXT. TRIBUNAL DE LISBOA/CORREDOR - DIA

A sessão terminou. AS PESSOAS que se encontravam a assistir saem da sala de audiências.

Catarina sai acompanhada pelo seu cliente, Mendes Oliveira/Francisco Ferraz. Conversam entre si mas não ouvimos o que eles dizem.

Estão ambos a ser observados por Jaime, que espera a alguma distância.

Por fim, despedem-se com aperto de mão e Catarina procura com o olhar o seu pai. Caminha para ele, mas Jaime tem o olhar fixo no homem que se afasta.

CATARINA

Pai. Pai...?

Jaime desperta do seu torpor e olha a filha.

JAIME

Desculpa. Estava distraído.

Beija a filha no rosto.

CATARINA

Então, gostaste da minha estreia?

JAIME

Muito, sim senhor. Estiveste brilhante.

Volta a olhar para o corredor.

JAIME

Como é que se chama o teu cliente?

CATARINA

Francisco Ferraz.

JAIME

E donde é que ele é?

CATARINA

É daqui de Lisboa. Mas... porquê essa curiosidade toda?

JAIME

Nada, nada - desculpa. Queres tomar um café?

CATARINA

(olha o relógio)

Tenho dez minutos. Já dá para um cigarro.

29) EXT. PASTELARIA EM LISBOA - DIA

Jaime e Catarina estão numa pastelaria de Lisboa.

CATARINA

E o teu livro?

Jaime abre a pasta pousada numa cadeira e retira um molho de folhas A4 impressas. O título é "A noite do falcão"

JAIME

Já tem final. Mas não estou muito contente.

A filha folheia as páginas.

CATARINA

Nem nunca vais estar, enquanto escreveres livros destes.

JAIME

Lê e diz-me o que pensas.

CATARINA

Não vai ser para já. Este julgamento está a roubar-me o tempo todo. E esta causa eu não posso perder.

JAIME

Quando tiveres tempo.

Jaime muda de novo de semblante, ficando muito sério e pensativo. Catarina repara na mudança.

CATARINA

E tu, como é que estás? Está tudo bem com a Joana?

JAIME

Sim, sim.

Catarina fica a olhar para o pai.

CATARINA

De certeza? Sinto-te estranho,
hoje.

JAIME

Não tem nada a ver com a Joana.

CATARINA

É pena. Pensei que finalmente
tivesses ganho juízo.

JAIME

Não vamos voltar a isso, Catarina.

(pausa)

Diz-me uma coisa - achas que o gajo
é culpado ou inocente?

CATARINA

Quem...? O meu cliente? Não sei nem
vem ao caso. Eu não sou juíza - a
minha obrigação é defendê-lo. É só
isso que eu tenho de fazer.

JAIME

É assim tão simples, para ti?

CATARINA

E para ti, não é?

Jaime não responde. Catarina olha para o relógio e
levanta-se.

CATARINA

Tenho de ir. Paga-me a bica.

Dá um beijo rápido no pai e afasta-se.

30) INT. MORADIA DE HENRIQUE - NOITE

Henrique entra em casa, desapertando a gravata de seda.
Ouve barulho na sala.

31) INT. MORADIA DE HENRIQUE/SALA - NOITE

Na sala espaçosa, decorada em estilo moderno, Marla está
sentada em frente ao televisor, com um cigarro na mão, e
BERNARDO está de costas, junto à aparelhagem de alta
fidelidade, com os auscultadores colocados. Ele tem cerca
de trinta anos e ar de surfista. Ela veste um vestido
curto e está descalça, o que realça a sua sensualidade.

Quando Henrique entra na sala Marla olha na sua direcção
e sorri, aparentemente deliciada. Bernardo continua
concentrado na música.

MARLA

Oi, fofinho. Já está em casa?

A jovem levanta-se para receber Henrique com um beijo nos lábios. Acaba de lhe desfazer e retirar a gravata.

HENRIQUE

O Bernardo já cá está há muito tempo?

Bernardo apercebe-se da presença do pai e retira os auscultadores.

BERNARDO

Ainda bem que chegou, pai.

HENRIQUE

Por cá, Bernardo? O que é que precisas desta vez?

BERNARDO

Tenho de precisar de alguma coisa para vir ver o meu pai?

Henrique sorri e abana a cabeça, virando as costas.

32) INT. MORADIA DE HENRIQUE/ESCRITÓRIO - NOITE

Henrique passa um cheque a Bernardo.

HENRIQUE

Aqui tens. Vais para onde?

BERNARDO

Ibiza. Vocês deviam vir também. O sol fazia-te bem.

HENRIQUE

Achas que eu tenho a tua vida? Eu trabalho.

BERNARDO

Trabalhas? Pensava que eras político.

Guarda o cheque no bolso e dá um beijo rápido no pai.

HENRIQUE

Boa viagem.

BERNARDO

A mãe diz para não te esqueceres da transferência bancária.

33) INT. MORADIA DE HENRIQUE/SALA - NOITE

Henrique regressa à sala. Marla está com ar chateado, zapeando a televisão. Henrique abre a sua pasta e procura no interior.

HENRIQUE

O que é que tens?

MARLA

O Bernardo até entendo - é teu filho. Mas a quantidade de dinheiro que a tua ex te saca. É demais.

Henrique aproxima-se da rapariga por trás.

HENRIQUE

Porque é que estás preocupada com isso? Desde que não te falte a ti.

Coloca-lhe um colar de ouro branco com brilhantes no pescoço. Marla muda imediatamente de expressão.

MARLA

Ah, o meu amorzinho não se esqueceu.

Marla salta do sofá e corre para um espelho. Parece uma criança com um brinquedo novo.

Henrique, sorrindo, aproxima-se por trás dela. Abraça-a e beija-lhe o pescoço.

HENRIQUE

Já não está zangada?

MARLA

O meu fofinho está todo entusiasmado... Tomou o seu comprimidinho, foi?

Henrique fá-la rodar.

HENRIQUE

Vamos descobrir?

Puxa-lhe as alças do vestido, que desliza suavemente. O corpo magnífico e firme de Marla é revelado em todo o seu esplendor - ela não usa nada por baixo do vestido.

34) EXT. CASA DE MIGUEL - NOITE

Miguel estaciona o automóvel em frente de casa. Olha para as janelas da sala onde a luz continua acesa. Miguel

recosta-se no banco e deixa-se ficar por um momento de olhos fechados.

35) INT. CASA DE MIGUEL - NOITE

A casa de Miguel é uma moradia de classe média alta, excessivamente decorada. Quando Miguel entra em casa Ana, a sua mulher, está sentada no chão junto ao sofá. Ana tem 50 anos e veste-se de uma forma elegante, mas conservadora. Está a brincar com uma MENINA de seis anos, ajudando-a com um jogo de construção.

Ana olha o marido, séria. Miguel também franze o cenho olhando a criança.

ANA
Finalmente chegaste.

MIGUEL
Quem é a miúda?

ANA
Isto são horas, Miguel? Podias ter dito alguma coisa.

MIGUEL
Sabes como é o hospital. O tempo corre.

Aproxima-se da criança e da mulher. A miúda atira-lhe uma peça do jogo e Miguel...

ANA
Só para nós é que não tens tempo.

MIGUEL
Ai, lá vem outra vez essa conversa.

...dirige-se ao armário bar para servir-se de um whisky.

ANA
E há-de vir muitas vezes, enquanto as coisas não mudarem.

MIGUEL
Poupa-me, por favor. Não me apetece discutir esta noite. Quem é a miúda, afinal?

Ana observa o marido.

ANA
É a Maria. A Constança adaptou-a, não te lembras de eu te contar?

Miguel não responde.

ANA

Era lá do Centro de Apoio. É tão linda, não é?

MIGUEL

Adoptou-a e agora vem despejá-la cá em casa.

Bebe o whisky de um trago. Ana levanta-se, olhando preocupada a miúda.

ANA

Não fales assim. Ninguém despejou ninguém.

MIGUEL

Se isto continua assim, eu não aguento muito mais.

ANA

(falando baixo)

O que é que eu disse agora?

MIGUEL

Não é o que disseste agora, é o que dizes sempre.

(olha a miúda)

As indirectas, a pressão que fazes.

Miguel pousa o copo e prepara-se para sair. Ana levanta-se.

ANA

Não vais jantar? A mesa está posta.

MIGUEL

Perdi o apetite!

Miguel sai da sala, batendo com a porta.

36) INT. CASA DE JAIME/SALA - NOITE

Jaime está a fumar charuto enquanto olha pela janela aberta. A campainha toca e ele esmaga o charuto num cinzeiro de metal.

Jaime abre a porta. É Joana, que esboça um sorriso tímido e levanta uma garrafa de vinho.

JOANA

Gostas deste?

37) INT. CASA DE JAIME - NOITE/MAIS TARDE

Joana faz o jantar na cozinha. Jaime, na sala, bebe um copo de vinho, absorto em pensamentos.

JOANA

Esta cozinha está uma desarrumação. Não sei como é que consegues viver neste caos.

(pausa)

Já te disse mil vezes que tens de arranjar outra empregada.

Não tem resposta.

JOANA

Como é que correu o julgamento da Catarina?

JAIME

Foi bem.

Joana serve-se com uma colher de sopa e vem até junto de Jaime para ele provar.

JOANA

Ela dorme aqui tantas vezes, até é estranho deixar-te ter isto assim desorganizado. Deve ser hereditário.

JAIME

Porra, Joana, deixa lá a arrumação da casa! É a minha casa, eu é que tenho de me sentir bem aqui.

JOANA

Eu sei que é a tua casa. Não precisas repetir. Tua e da tua filha.

JAIME

E essa mania contra a Catarina. Esquece a Catarina. Estou farto de estar no meio da vossa guerrinha, dessa ciumeira pegada. Entendam-se as duas que já têm idade para isso!

Joana volta para a panela com ar amuado e desliga o fogo. Volta a sair da cozinha e olha para Jaime.

JOANA

Eu só queria perceber para que é que tu precisas de mim. Se é só pelo sexo, ficavas melhor com as tuas alunas.

Joana regressa à sala para agarrar na mala, preparando-se para sair de casa. Jaime vem atrás dela e segura-lhe no braço, com delicadeza.

JAIME

Desculpa, desculpa. Por favor, fica.

Joana sacode-lhe o braço, mas não se vira para ele.

JAIME

Eu... falo demais. E não digo o suficiente.

Jaime encosta-se a ela, passando-lhe os braços por cima dos ombros. Joana deita a cabeça para o lado e fecha os olhos. Roda e os dois beijam-se, primeiro com suavidade e depois com paixão.

38) INT. CASA DE JAIME/QUARTO - NOITE

Jaime e Joana estão na cama. Acabam de ter relações sexuais e rolam cada um para o seu lado, cansados. Ficam assim, parados.

JOANA

Não gosto quando tu estás assim. Distante.

Jaime não responde logo. Depois roda e abraça-a. Beija-a no ombro.

JOANA

É por causa do que eu disse da Catarina? Eu não tenho nada contra ela, mas a nossa relação é que não pode pagar por eu ser filha do teu melhor amigo. Se é isso-

Jaime interrompe-a.

JAIME

Não, não tem nada a ver. É que...

Não acaba logo a frase.

JAIME

É difícil viver com o passado. A Catarina não esquece a morte da mãe, tu não esqueces a do teu pai. São muitos fantasmas.

JOANA

É por isso - as memórias?

JAIME

Hoje... encontrei o homem que matou o teu pai. O Pide que nos prendeu e nos torturou.

(pausa)

Há trinta e sete anos atrás.

Joana senta-se na cama, perturbada.

JOANA

O que é que estás a dizer?

JAIME

Hoje, no julgamento da Catarina. O cliente dela - é o Mendes Oliveira.

JOANA

Impossível! Mas... como é que tu sabes que é ele?

JAIME

A atitude... Detalhes...

Joana encolhe-se e abraça os joelhos junto ao peito.

JAIME

Os pides andavam sempre com moedas no bolso para os telefonemas. O Mendes Oliveira tinha uma maneira própria de mexer nas moedas enquanto nos interrogava. O cliente da Catarina faz exactamente a mesma coisa.

JOANA

Não pode ser. Esses tipos fugiram todos para a Galiza e para o Brasil.

JAIME

E o olhar dele... É o gajo que me torturou, tenho a certeza.

JOANA

A Catarina - sabe disso?

JAIME

Não! Isto foi hoje. És a primeira pessoa a quem eu conto.

JOANA

Mas vais dizer-lhe, não vais? Se isso for verdade ela não o pode defender. Ninguém pode defender um homem desses.

JAIME

Ainda não sei o que vou fazer.

Joana levanta-se, zangada, e começa a vestir-se.

JOANA

Isso é o retrato da tua vida, não é? Essa indecisão - é uma boa desculpa para não fazer nada.

(pausa)

Sempre podes beber mais uma garrafa de whisky.

Sai do quarto, zangada.

39) EXT. CLUBE PORTUGUÊS DE TIRO - DIA

Ouvem-se dois tiros. Um PRATO explode no ar. Jaime recarrega a espingarda semi-automática.

A alguma distância Miguel e Henrique observam-no. Henrique está equipado como Jaime e tem também uma espingarda nas mãos.

MIGUEL

Achas que esta história do Jaime e do pide tem ponta por onde se pegue?

HENRIQUE

Não! Aquilo é tudo coisas da cabeça dele.

MIGUEL

Mas a história das moedas - é coincidência a mais.

HENRIQUE

Tu também?! O Jaime ainda tem a desculpa de escrever aqueles

policiaizecos baratos. Mas tu és médico, porra! Para onde é que foi o espírito científico?

MIGUEL

E se for mesmo o gajo? Por hipótese?

HENRIQUE

E aí? O que é que queres fazer: juntamo-nos os três e vamos dar uma carga de porrada ao velho?

Jaime continua a disparar na sua série de pratos.

HENRIQUE

Os crimes dos pides já prescreveram. Não viste o que se passou com o Rosa Casaco? Até entrevistas andou a dar e ninguém lhe pôs um dedo em cima.

MIGUEL

Mas isso está errado. Se é assim, isto é uma merda de país.

HENRIQUE

Mas é o país que temos. O mundo mudou, Miguel. Tudo mudou, vocês é que parece que não perceberam. Continuam os mesmos idealistas a achar que este mundo pode ser justo. Este mundo nunca vai ser justo.

Jaime termina os seus disparos.

JAIME

É a tua vez, Henrique.

Henrique tira dois cartuchos da bolsa.

HENRIQUE

(para Miguel)

Não queres fazer uma série?

MIGUEL

Não, obrigado. Tive a minha dose no ultramar. Já dei mais tiros que vocês os dois juntos.

HENRIQUE

Vê lá se metes juízo na cabeça
deste gajo.

Henrique afasta-se e cruza-se com Jaime, que vem para o pé de Miguel.

JAIME

E então - o que é que vocês acham?

MIGUEL

É muito improvável, Jaime. Porque é que um pide que conseguiu fugir estes anos todos vai correr o risco de voltar para cá?

Henrique começa a disparar. Também é bom atirador.

JAIME

Saudades - negócios - arrogância - quem é que sabe o que é que vai na cabeça de um gajo desses. Mas que ele está cá, está.

MIGUEL

Não sei, Jaime. Não sei.

JAIME

Então faz-me um favor. Hoje à tarde há outra audiência. Vem assistir comigo. Se olhares para aquele gajo e me disseres que não é ele eu prometo que nunca mais toco no assunto.

Os dois olham para Henrique, que aponta a espingarda preparando-se para mais um tiro.

40) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS - DIA

O martelo do juiz BATE com um estrondo forte.

JUIZ

Está aberta a sessão.

Catarina está sentada ao lado de Mendes Oliveira/
Francisco Ferraz.

Miguel e Jaime entram na sala. A advogada repara na chegada deles e olha-os com alguma surpresa. Miguel faz-lhe um ligeiro aceno.

41) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS -
DIA/MAIS TARDE

Catarina toma uns apontamentos enquanto o procurador do Ministério Público interroga a mãe da criança.

PROCURADOR

Dona Antónia, pode dizer-nos onde estava no dia do atropelamento?

MÃE

Estava no jardim, num banco perto do cruzamento.

Miguel e Jaime não prestam atenção ao depoimento da mulher. Os seus olhos estão fixos em Mendes Oliveira/Francisco Ferraz, que continua a brincar com as moedas.

PROCURADOR

Quer dizer então que a senhora assistiu ao acidente?

TESTEMUNHA

Exactamente, senhor doutor. Estava a conversar com uma amiga quando ouvimos uma travagem e depois uma pancada seca. Olhei... e o meu filho... o meu filho...

A mulher tenta manter a compostura e conter as lágrimas. Olha para o marido, sentado na sala. O procurador aproxima-se dela e coloca-lhe a mão no braço.

PROCURADOR

Pronto, pronto... Tenha calma.

Catarina espreita por cima do ombro. Repara que Miguel e Jaime são as únicas pessoas na sala que não olham para a esta situação dramática, mas sim na direcção dela e do réu.

42) EXT. TRIBUNAL DE LISBOA/CORREDOR - DIA

Chegou ao fim mais uma sessão do julgamento. A mãe da criança atropelada sai abatida da sala, reconfortada pelo marido.

Jaime e Miguel, no corredor, esperam a saída de Catarina. Esta surge acompanhada por Mendes Oliveira/Francisco Ferraz.

Catarina cumprimenta o pai com um beijo na face.

CATARINA

Que honra - os dois por aqui...?

Beija também Miguel.

JAIME

O Miguel quis ver-te em acção.

MIGUEL

E gostei do que vi. Se precisar já sei onde encontrar advogada.

Catarina faz as devidas apresentações.

CATARINA

Senhor Francisco, este é o meu pai, Jaime Ferreira. E um amigo.

Mendes Oliveira estende de imediato a mão para cumprimentar os dois, com um sorriso. Não perdeu o sotaque dos anos que esteve emigrado no Brasil.

MENDES OLIVEIRA

Muito prazer em conhecê-lo e muitos parabéns. Sua filha é uma excelente advogada!

Jaime hesita alguns instantes antes de lhe apertar a mão. Mas quando o cumprimenta olha-o friamente. Olhos nos olhos.

JAIME

Ainda bem para si, não é?

MIGUEL

Viveu muitos anos no Brasil, senhor Francisco?

MENDES OLIVEIRA

O suficiente para ganhar este sotaque. E para me apaixonar por aquele país maravilhoso.

JAIME

Porque é que voltou, então?

MENDES OLIVEIRA

Insegurança. Aqueles governantes incompetentes não conseguem pôr os marginais na ordem.

Catarina interrompe a conversa.

CATARINA

Senhor Francisco – não se esqueça da sessão amanhã, está bem?

MENDES OLIVEIRA

Como eu poderia esquecer? A minha vida agora gira em redor deste negócio.

Mendes Oliveira olha para o relógio.

MENDES OLIVEIRA

Bom, vou indo! Já devia estar numa reunião.

(para Jaime)

Foi um prazer conhecê-lo, seu Jaime!

Mendes Oliveira vira costas e caminha para a saída.

MIGUEL

Mendes Oliveira!

O homem quase pára, durante um instante, e olha de esquelha. Depois continua a andar.

Catarina olha em redor e interpela Miguel.

CATARINA

O que é que lhe chamaste, Miguel?

MIGUEL

Nada, pareceu-me ver um conhecido. Mas foi engano.

Miguel e Jaime entreolham-se e depois olham para Mendes Oliveira que se afasta. Catarina observa-os, desconfiada.

43) EXT. RUA DO RESTELO - DIA

Estamos numa zona residencial pouco movimentada. Jaime e Miguel estão dentro do jeep UMM do primeiro. Olham para um monovolume Chrisler que está estacionado do outro lado da rua.

MIGUEL

Filho da puta. O gajo teve o descaramento de voltar para cá depois destes anos todos.

JAIME

Porque é que não havia de voltar? Ninguém lhe pode fazer nada.

MIGUEL

O Mendes Oliveira - um respeitável
homem de negócios. Quem diria.

(pausa)

O que é que vamos fazer? Vamos à
polícia.

JAIME

Para quê? Que provas é que temos? O
tipo está a ser julgado e nem o
tribunal percebeu que a identidade
dele é falsa. Ainda se vão é rir de
nós.

MIGUEL

E então? O que é que podemos fazer?

Nesse momento Mendes Oliveira sai de um pequeno edifício
e começa a dirigir-se para a Chrisler.

Jaime abana a cabeça, revoltado.

JAIME

Já vais ver.

Sai do carro e dirige-se à porta traseira do jeep. Abre-a
e retira a bolsa da espingarda.

Mendes Oliveira aproxima-se do seu carro, procurando as
chaves.

Miguel vira-se para trás.

MIGUEL

O que é que estás a fazer, Jaime?

Jaime carrega a arma.

JAIME

Fica aí!

MIGUEL

Espera lá, pá!

Jaime caminha rapidamente na direcção de Mendes Oliveira,
com a espingarda encostada à perna. Miguel sai do carro e
grita.

MIGUEL

Jaime! Não faças isso!

Mendes Oliveira vira-se e Jaime aponta-lhe a arma. O
homem fica imóvel e lívido.

MENDES OLIVEIRA
O que é que está fazendo, homem?

JAIME
Entra para o carro. Depressa!

Empurra-o com o cano da espingarda. Mendes Oliveira obedece.

Miguel observa tudo, nervoso. Olha em redor, sem saber o que há de fazer.

Jaime abre a porta de correr lateral e senta-se atrás do condutor.

JAIME
Liga o carro. Vamos sair daqui.

MENDES OLIVEIRA
Você está a fazer uma loucura. O que é que sua filha tem a ver com isto?

JAIME
(interrompendo)

Cala-te e conduz.

A carrinha arranca. Miguel hesita e depois corre para o lugar do condutor do UMM e segue o outro carro.

44) EXT. ESTRADA NO ALENTEJO - DIA

O monovolume Chrisler acelera pela estrada, seguido pelo UMM.

45) INT. UMM DE JAIME - DIA

Miguel conduz com o telefone colado ao ouvido. Está a chamar, mas ninguém atende.

MIGUEL
Atende, porra!

46) EXT. OUTRA ESTRADA SECUNDÁRIA - DIA

O UMM acelera e ultrapassa a carrinha. Depois trava bruscamente à sua frente.

A Chrisler trava também, quase batendo no jeep. Os dois veículos imobilizam-se.

Miguel sai do carro, exaltado. Corre para o outro veículo.

MIGUEL

Abre essa porta. Porra! Abre essa porta!

Jaime faz correr a porta.

MENDES OLIVEIRA

O seu amigo enlouqueceu. A polícia vai descobrir logo vocês, e vão acabar os dias na prisão.

Jaime encosta-lhe a arma ao pescoço.

JAIME

Fica calado, filho da puta. Só falas quando eu disser.

MIGUEL

Ele tem razão, Jaime. Vamos parar com esta loucura. Nós não somos bandidos.

JAIME

Agora é tarde demais. O que está feito está feito. Eu não volto atrás. Se não quiseres vir comigo, eu trato disto sozinho.

MIGUEL

Mas vamos para onde?

47) EXT. MONTE - ENTARDECER

Os dois carros aproximam-se de um monte alentejano, num vale perto de uma mata de sobreiros. É composto por duas pequenas edificações brancas, cercadas por uma vedação de arame farpado. Não se vê vivalma até onde a vista alcança.

JAIME (V.O.)

Para a minha cabana de caça. Lá ninguém nos vai incomodar até isto estar resolvido.

48) INT. ESTÁBULO - ENTARDECER

A porta do estábulo abre-se com um ranger forte. Mendes Oliveira entra aos tropeções, empurrado por Jaime. Miguel vem atrás deles, olhando em redor.

MIGUEL

Vai com calma, Jaime.

MENDES OLIVEIRA

Não sei o que vocês querem, mas vão se dar mal.

JAIME

Cala-te, pulha.

Jaime empurra Mendes Oliveira contra a parede.

JAIME

(para Miguel)

Tira-lhe o telefone e os documentos.

Miguel hesita.

JAIME

Mexe-te, porra!

Miguel começa a revistar o homem. Mendes Oliveira olha-o com ar suplicante.

MENDES OLIVEIRA

Não deixe isto seguir, seu Miguel. Seu amigo vai arrastar você com ele.

MIGUEL

Pouco barulho!

Miguel tira o telemóvel e os documentos do homem.

JAIME

Não te esqueças do cinto.

Miguel vira Mendes Oliveira e desaperta-lhe o cinto das calças.

MIGUEL

Mendes Oliveira.

(pausa)

Alguma vez pensaste ver-te nesta posição, sacana?

MENDES OLIVEIRA

Eu não sou essa pessoa. Porquê vocês não me acreditam?

Miguel afasta-se com os haveres do homem, sem lhe responder.

JAIME

Desliga o telemóvel dele.

Mendes Oliveira olha em redor, desesperado.

JAIME

(para Mendes)

Se estás a pensar em gritar, não adianta. O vizinho mais próximo está a dez quilómetros. Estamos longe de ouvidos indiscretos...

(pausa)

...como tu gostavas.

MENDES OLIVEIRA

Vocês estão loucos. Meu Deus, que estória é esta?

Miguel aproxima-se do amigo e fala em voz baixa.

MIGUEL

Isto não devia ter acontecido assim.

JAIME

Há muita coisa que não devia ter acontecido.

49) INT. MONTE - NOITE

As mãos de Jaime procuram mantimentos dentro de um armário.

Miguel e Jaime estão na casa do monte, um cubículo modesto, espartano mesmo, que não tem luz eléctrica nem água. Miguel espreita por uma janela, com ar desesperado.

MIGUEL

Não é justo teres-me arrastado para aqui. As coisas não se fazem assim, Jaime.

JAIME

Então fazem-se como? Só vieste porque quiseste. Tiveste uma oportunidade de te ir embora.

MIGUEL

Isso eu nunca faria, pá. Nunca te ia abandonar. Mas agora... porra. O que é que eu digo à Ana? O que é que eu digo no hospital?

Jaime abre as portas de outros armários, encontrando duas ou três latas de atum.

JAIME

Há aqui comida. Não é muita, mas serve para matares a fome.

Miguel vira-se para olhar para o amigo.

MIGUEL

Isto ficou uma confusão, Jaime.

JAIME

Eu sei. Mas eu tenho de saber a verdade, Miguel. E só este gajo é que nos pode dizer.

Jaime encontra uma garrafa de whisky meio vazia. Mete-a debaixo do braço e agarra um copo que limpa na fralda da camisa.

JAIME

Vou voltar para o estábulo.

MIGUEL

Eu vou telefonar à Ana. Tenho de lhe dar uma desculpa qualquer.

JAIME

Sim, faz isso. E aproveita para dormir um bocado. Eu tomo conta daquele crápula.

Apanha uma manta e a sua espingarda, e sai da sala.

50) INT. ESTÁBULO - NOITE

Os pés de Mendes Oliveira, descalços, estão amarrados às pernas de uma cadeira alentejana. O homem está sentado, com as mãos presas atrás das costas.

Uma lanterna petromax pendurada na parede é a única iluminação disponível.

Jaime entra no estábulo com a manta, a espingarda e a garrafa de whisky. Joga a manta para cima de um monte de palha, ajeitando-a. Mendes Oliveira olha para ele, assustado.

MENDES OLIVEIRA

Nesta altura minha família já contactou a polícia. Quanto tempo vocês acham que isto vai durar até serem apanhados?

Jaime diminui a intensidade da chama do petromax.

JAIME

Pela polícia? Uma eternidade.

(sorri)

A tua família nunca vai contactar a polícia, pá. Mais depressa te deixam morrer do que revelam quem tu és.

MENDES OLIVEIRA

E quem sou eu, então? Me diga - quem sou eu?

Jaime senta-se na manta, com a espingarda encostada ao lado e serve-se de um copo de whisky.

JAIME

Chega de conversas, agora. Amanhã logo vais ter muito tempo para falar.

MENDES OLIVEIRA

Sua filha sabe disto? Ela está envolvida neste sequestro?

Jaime hesita um segundo. Depois bebe um golo.

MENDES OLIVEIRA

Ela não sabe, pois não? Você vai destruir a carreira da sua filha.

JAIME

Eu, se fosse a ti, tentava dormir.

MENDES OLIVEIRA

Ela é boa advogada, não merece acabar assim. E vai acabar - quando eu enterrar vocês todos, ela também vai ao fundo.

Jaime levanta-se, com ar aborrecido, e aproxima-se de Mendes Oliveira, retirando um lenço de pano do bolso.

MENDES OLIVEIRA

O que é que vai fazer? Não faça isso!

Jaime imobiliza a cabeça de Mendes Oliveira, que tenta resistir, e enfia-lhe o lenço na boca. Depois amarra outro pedaço de corda à volta do lenço, amordaçando o homem.

JAIME

Não podias ter ficado calado?

Volta ao seu lugar e ao seu copo de whisky.

51) INT. MONTE - NOITE

Na casa do monte, Miguel fala ao telemóvel enquanto prepara uma cama no sofá.

MIGUEL
São só uns dias, Ana.

INTERCALA COM:

52) INT. CASA DE MIGUEL - NOITE

Ana, ainda vestida, caminha nervosamente de um lado para o outro da sala enquanto fala com Miguel.

ANA
Caça, Miguel?! Que raio de desculpa é essa - tu não gostas de caça.

MIGUEL
A caça é só um pretexto para tirar uns dias. Tenho de pensar nas coisas, na nossa vida.

ANA
Tu estás com quem, Miguel?

MIGUEL
Já te disse - com o Jaime. Foi ele que me convidou.

ANA
Não estás com mais ninguém, de certeza? Por favor, Miguel.

MIGUEL
Com quem? Com quem é que eu havia de estar, diz lá?

ANA
Tu sabes bem com quem.

MIGUEL
Não metas coisas na cabeça, Ana. Não compliques a situação ainda mais.

ANA
Eu vou telefonar para o hospital. Se eu descobrir-

MIGUEL
(interrompendo)

Telefona para onde quiseres! Faz o que te apetecer, achas que eu me importo? Olha, tenho de desligar.

ANA
Não desligues, ainda não. Desculpa, desculpa.

MIGUEL
Eu telefono-te, Ana. Tenta dormir.

Miguel desliga o telemóvel e deixa-se cair na cama.

53) INT. ESTÁBULO - NOITE

Mendes Oliveira dorme, sentado na cadeira, amarrado e amordaçado. A cabeça está tombada para a frente.

A luz trémula do petromax lança sombra sinistras sobre as paredes do estábulo, iluminando algumas alfaias agrícolas e ferramentas - foices, tesouras de podar, uma serra de lenha, um machado.

O copo de whisky também brilha enquanto Jaime o volta a encher. O homem está com um ar cansado, pensativo. Enquanto bebe mais um golo olha para Mendes Oliveira.

O seu olhar fixa-se nos pés descalços do outro homem.

54) INT. EDIFÍCIO DA PIDE/SALA DE INTERROGATÓRIOS - DIA (FLASHBACK)

Uns pés descalços num chão de cimento. O pé direito está amarrado à perna da cadeira.

É Jaime, com vinte anos, que está descalço e amarrado a uma cadeira. Mendes Oliveira passa por trás dele. Tem uma moca de madeira na mão, e bate com ela na palma da outra mão.

MENDES OLIVEIRA
Daqui ninguém sai sem falar, meu menino.

Jaime olha em redor, com ar assustado. Um outro agente da PIDE agarra na sua perna esquerda e ergue-a, expondo a planta do pé. Jaime tenta resistir.

JAIME
Não, por favor.

MENDES OLIVEIRA

Mas tu estás a fazer-te difícil.

Ergue a moca e, com um movimento rápido, dá uma primeira pancada na planta do pé de Jaime...

... que fecha os olhos, tentando aguentar a dor.

Mendes Oliveira ergue novamente a moca e sorri, sádico.

MENDES OLIVEIRA

Parece que temos um valente aqui.

Baixa-a com violência, e Jaime contorce-se novamente de dor.

55) EXT. MONTE - AMANHECER

Um balde cheio de água é retirado de um bidão metálico que serve de depósito.

Jaime está em tronco nu. Pousa o balde no chão, ao lado do bidão. Não está com boa cara - tem olheiras e o rosto à volta da pêra começa a apresentar sinais de barba. A espingarda está encostada à parede da casa.

Mete as mãos na água gelada e lava a cara, esfregando bem o rosto. Depois lava o peito e os sovacos, com um arrepio, enquanto olha em redor para o campo de sobreiros que se estende até ao horizonte.

Um ruído fá-lo virar-se - é Miguel que se aproxima, com ar carrancudo.

JAIME

Bom dia.

Miguel não responde e mergulha as mãos na água, lavando também a cara.

JAIME

Conseguiste dormir?

MIGUEL

O gajo já comeu?

JAIME

Não comeu nem mijou.

MIGUEL

Então era bom tratarmos disso, não?
Ainda não somos selvagens.

Jaime seca-se numa toalha velha.

JAIME

Sim, acho que sim. Cuida dele, que eu tenho outra coisa a fazer.

Afasta-se vestindo a camisa. Aponta a arma.

JAIME

Fica com a espingarda. O tipo é perigoso.

Miguel não responde e volta a meter as mãos na água.

56) EXT. MONTE - DIA

Jaime está ao volante do monovolume de Mendes Oliveira. Está a estacioná-lo longe da estrada e das casas, num sítio onde fica escondido de olhares indiscretos.

Tem um telemóvel preso entre o ombro e a cara.

JAIME

Sou eu.

INTERCALA COM:

57) INT. FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA/ANFITEATRO - DIA

Joana entra na sala vazia de um anfiteatro da universidade, procurando privacidade enquanto fala com Jaime.

JOANA

Eu sei que és tu. O que eu não sei é onde é que tu estás.

JAIME

Porque é que dizes isso?

JOANA

Fui ontem a tua casa, para conversarmos.

JAIME

Sobre o quê?

JOANA

Aquela história do pide. Fiquei a pensar naquilo.

(pausa)

Mas onde é que estás, afinal?

58) EXT. MONTE - DIA

Jaime desce do carro e caminha em direcção à casa, que está a alguma distância.

JAIME

Na minha cabana de caça. Não queres vir cá ter?

JOANA

Não posso, Jaime. Estás parvo. Tenho aulas, não posso faltar assim.

JAIME

Tens de vir, Joana. Eu... tenho uma coisa muito importante para te dizer.

Joana fica um pouco abalada com esta última frase.

JOANA

Assim, de repente. Não sei...

Olha o relógio. Hesita, mas está curiosa.

JAIME

Vem, não te vais arrepender. E traz-me roupas e comida. Eu vim sem nada.

JOANA

É bom que seja mesmo importante.

JAIME

Nem imaginas, Joana. Nem imaginas.

59) INT. FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA/REFEITÓRIO - DIA

(OMITIDA)

59B) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS - DIA

(ERA A CENA 99)

Catarina está no tribunal. O juiz olha o relógio. Também estão presentes o procurador e os pais da criança atropelada.

JUIZ

O que é que se passa com o seu cliente, doutora?

CATARINA

Peço-lhe imensa desculpa, senhor doutor, mas realmente não sei. Ele não atende o telefone.

JUIZ

Eu não vou esperar mais.

CATARINA

Eu sei, eu compreendo.

(hesita)

Meritíssimo juiz, peço o adiamento desta sessão.

JUIZ

Se o senhor procurador não tiver nenhuma objecção...

O procurador abana a cabeça e começa a arrumar os papéis, com ar chateado.

JUIZ

Então - está adiada a sessão para data a confirmar.

Bate com o martelo.

Catarina levanta-se para sair da sala de audiências quando é abordada pela mãe da criança. O pai espera a alguma distância, olhando em redor, nervoso.

MÃE

Desculpe, doutora...

Catarina olha-a surpreendida.

CATARINA

Sim...?

MÃE

O seu cliente... Ele não vai fugir, pois não?

CATARINA

Desculpe...?!

MÃE

Ele não pode fugir antes da sentença. Ele tem de pagar!

CATARINA

Ninguém vai fugir, não há razões para isso.

MÃE

Como é que você pode defender este homem? Como?

Catarina fica um pouco incomodada com o rumo da conversa. Olha em redor.

CATARINA

Eu acho que não devíamos estar aqui a falar sobre este caso.

A mulher agarra no braço da advogada, exaltada.

MÃE

Eu estava lá. Eu vi tudo!

O marido avança e segura a mulher, puxando-a com suavidade.

MÃE

Ele tem de pagar pelo que fez.

60) INT. ESTÁBULO - DIA

Mendes Oliveira, barba rala de um dia, ar de mal dormido, acompanha com o olhar Jaime, que anda em círculo à volta da cadeira onde está amarrado.

Miguel está encostado a uma viga, permanecendo um pouco alheado da conversa.

MENDES OLIVEIRA

Eu posso pagar o que vocês quiserem. Graças a Deus tenho posses.

(pausa)

A minha família pode pagar por mim.

JAIME

Achas que é isso que nós queremos - o teu dinheiro?

MENDES OLIVEIRA

E que mais pode ser? Não tenho mais nada para vocês.

JAIME

(para Miguel)

Já viste a lata deste gajo? A querer comprar-nos.

(para Mendes
Oliveira)
Não há dinheiro que pague o que tu
nos roubaste, cabrão.

MENDES OLIVEIRA
Vocês estão enganados. Vocês estão
me confundindo com alguém, é isso.

Jaime tira algumas moedas do bolso. Mostra-as as Mendes
Oliveira.

JAIME
Aquele joguinho das moedas, o que
estavas a jogar no tribunal.
Lembro-me bem dele.

MENDES OLIVEIRA
Joguinho de moedas?! É um
passatempo - um milhão de pessoas
deve jogar daquele jeito.

Jaime atira as moedas à cara do outro homem.

JAIME
Pulha!

Miguel afasta-se da parede com um passo, avançando para
Jaime, mas não chega a dizer nada. O movimento, contudo,
não passa despercebido a Mendes Oliveira.

JAIME
Vamos negociar, então. Quanto é que
nos ofereces? Qual é o teu preço?

MENDES OLIVEIRA
Eu não sou rico, mas posso pagar
alguma coisa. Tenho uns vinte mil
euros à ordem...

JAIME
Só...? Pensei que davas mais valor
à tua vida. À tua, porque à dos
outros nunca deste muito.

MENDES OLIVEIRA
E tenho uns fundos de poupança que
posso resgatar, sei lá, mais uns
cinquenta mil... Sessenta.

Jaime abana a cabeça.

JAIME

Parece-me pouco.

MENDES OLIVEIRA

O seu amigo, aí? Porquê ele não diz nada?

(para Miguel)

Você é Miguel, não é? Cem mil euros, é dinheiro, certo, Miguel?

Miguel abana a cabeça, sorrindo meio incomodado.

MENDES OLIVEIRA

Eu pago a vocês, me soltam, seguimos cada qual para seu lado. O que lhe parece, Miguel?

MIGUEL

Era bom que as coisas fossem assim tão simples.

MENDES OLIVEIRA

Deixem eu telefonar à minha mulher. Ela deve estar morrendo de preocupação comigo. Ela trata do dinheiro, de tudo.

JAIME

Cem mil euros, Miguel. O que é que achas? Paga o que sofremos?

MENDES OLIVEIRA

A minha mulher é doente. Por favor, seu Miguel, deixe-me falar com ela. Por favor.

61) ~~INT. CAFÉ — DIA~~

(OMITIDA)

61A) EXT. CASA DE MENDES OLIVEIRA — DIA
(ERA A CENA 106)

Catarina está à porta de um vivenda numa zona calma de Oeiras. Uma SENHORA IDOSA, na casa dos sessenta anos, desempreada, está a falar com ela.

CATARINA

Não me pode dar o contacto do seu marido? É para o bem dele, minha senhora.

SENHORA IDOSA

Eu acredito, filha, mas quando o Francisco viaja assim de urgência, não me diz nada.

CATARINA

Nem quando volta?

SENHORA IDOSA

Nem quando volta. São coisas de homens, sabe. Eu não me meto nesses assuntos.

Catarina olha a velha senhora, desconfiada.

CATARINA

Tem a certeza de que me está a dizer tudo? Parece-me estranho, o seu esposo fazer uma coisa dessas. Ainda ontem falámos nesta audiência.

SENHORA IDOSA

Estou a dizer-lhe tudo o que posso dizer, filha. Não me faça mais perguntas.

CATARINA

Se aconteceu alguma coisa, eu sou a advogada dele. Pode confiar em mim.

A senhora hesita e baixa o olhar.

CATARINA

Eu conheço pessoas na polícia-

SENHORA IDOSA

A polícia não! Não meta a polícia nisto, ouviu? Agora, com licença...

Começa a fechar a porta. Catarina coloca a mão tentando impedi-la de fechar.

CATARINA

Por favor - deixe-me entrar. Eu posso-

A senhora interrompe-a com grande frieza.

SENHORA IDOSA

Tire a mão da porta, menina. Já!

Catarina tira a mão e a mulher bate-lhe com a porta na cara. A advogada fica espedaçada, olhando para a porta com ar surpreendido.

62) EXT. MONTE - DIA

Jaime está sentado em frente à casa do monte. Desmontou a espingarda e está a lubrificá-la com cuidado.

De onde ele está sentado podemos ver a estrada. Um veículo surge à distância. Jaime fixa o olhar nele e recomeça a montar a espingarda.

O carro aproxima-se. É um Volkswagen Polo azul, já com uns anos.

Jaime termina de montar a espingarda e levanta-se. Leva-a ao ombro, faz pontaria e descreve um movimento em arco para cima, como se estivesse a simular um disparo a um pássaro. Depois encosta-a à parede.

JAIME

(para a casa)

A Joana está a chegar, Miguel.

Afasta-se em direcção ao caminho que vem da estrada.

63) INT. MONTE - DIA

Jaime entra em casa, carregando alguns sacos de compras. Joana vem atrás dele, com um saco de viagem.

Miguel dirige-se a Joana para a cumprimentar. Ela faz cara de quem não estava à espera de o ver ali.

JOANA

Miguel?!

MIGUEL

O Jaime não te disse que eu estava cá?

Joana olha Jaime, interrogativa.

JOANA

Não... mas ainda bem.

Jaime joga os sacos para cima da mesa.

JAIME

Esqueci-me, o que é que queres.

(para Miguel)

Não sei se a minha roupa te vai servir.

Começa a tirar compras de dentro dos sacos.

MIGUEL

Terão de servir.

JOANA

Então tu também vieste assim de repente?

Miguel olha para Jaime, sem responder. Joana ainda tenta brincar com a situação.

JOANA

O que é que se passa, afinal? Qual é o grande mistério?

Jaime larga os mantimentos e começa a andar para a porta.

JAIME

Anda comigo. Quero mostrar-te uma coisa.

JOANA

(para Miguel)

O que é se passa?

64) EXT. MONTE - DIA

Joana, Jaime e Miguel abre a porta do estábulo com uma chave que tira do bolso.

Miguel entra e Jaime faz sinal para Joana o seguir.

Joana hesita e depois penetra no espaço escuro.

65) INT. ESTÁBULO - DIA

Mendes Oliveira está sentado no escuro, amarrado e amordaçado. A barba por fazer e o cabelo desgrenhado dão-lhe um ar ainda mais envelhecido.

Joana fica parada a olhá-lo, com uma expressão de surpresa.

JOANA

O... que é isto? Quem...?

OLha o homem e depois Jaime, completamente confusa.

JAIME

É ele.

Joana olha de novo para o pido. Leva a mão à boca, chocada.

Jaime contorna o homem e tira-lhe a mordaga.

JOANA

Miguel...?

Miguel limita-se a acenar afirmativamente com a cabeça.

O pide respira pesadamente, aspirando o ar com sofreguidão.

MENDES OLIVEIRA

Eu vou morrer. Eu vou morrer aqui.

JAIME

Não vais morrer coisa nenhuma. Um bicho ruim como tu não morre assim.

Mendes olha para a recém-chegada com curiosidade e temor.

JAIME

Já viste que temos uma convidada. Tens que ser simpático, ouviste?

Miguel aproxima-se do prisioneiro e puxa-lhe a cabeça para trás. Observa-lhe o branco dos olhos e vê-lhe a pulsação no pescoço, enquanto Jaime fala com Joana.

JAIME

Lembras-te desta cara? É ou não é o tipo?

Joana não responde. Está imersa em pensamentos.

66) EXT. RUA DE LISBOA - AMANHECER (FLASHBACK)

Joana, em criança, corre atrás do pai, tentando agarrar-lhe as pernas.

Um vulto debruça-se sobre ela: é Mendes Oliveira, na época, que a agarra ao colo. O olhar da miúda fixa-se na cara do pide, que sorri benevolmente.

67) INT. ESTÁBULO - DIA

Mendes Oliveira agita-se na cadeira e fala desesperado.

MENDES OLIVEIRA

Mas eu sou quem?

(para Joana)

A senhora, por favor, diga a eles que estão enganados. Eu não sou quem eles pensam. Diga-lhes a verdade, senhora.

Joana pára e encara Jaime.

JOANA

Vocês estão loucos. Vocês...

JAIME

É ele, Joana! Não vês o que nós fizemos. Apanhámos o filho da mãe.

MENDES OLIVEIRA

Mas eu sou quem, senhores? Por favor.

(para Joana)

Eles estão loucos mesmo, senhora.

Jaime debruça-se para ele e fala com raiva.

JAIME

(para Joana)

Olha-me este focinho! É ele!

(para o pido)

Mendes Oliveira! Chefe de brigada da PIDE-DGS, quando me prendeste. Depois promovido a inspector pelos bons serviços à Pátria. Preso no 25 de Abril e fugido de Alcoentre com mais 88 pides, uns meses depois. Desde aí desaparecido - no Brasil, sabemos agora.

Jaime endireita-se, tentando acalmar-se. Mendes Oliveira abana a cabeça, negando.

JAIME

Já te lembras agora? É que eu nunca te esqueci. O teu nome, a tua cara, até o teu cheiro-

MENDES OLIVEIRA

(interrompendo)

É mentira! Isso é mentira! O meu nome é Francisco Ferraz. Fugi de Portugal, sim, mas por causa dos comunistas. Eu não era pide nenhum, por amor de Deus - eu era empresário.

JAIME

Tão empresário como eu.

MENDES OLIVEIRA

Ocuparam a minha fábrica, a minha casa. Tive de fugir para refazer a

vida. É esse o meu pecado, é? Ter sido roubado de tudo o que tinha?

Joana avança para o homem. Fala com suavidade.

Joana vira-se e sai do estábulo.

Jaime sai atrás de Joana. Miguel aproxima-se de novo do pido com o pano para o amordaçar.

68) EXT. MONTE - ENTARDECER

Joana está encostada a uma árvore, olhando a paisagem que se estende à sua frente. O sol está a pôr-se sobre o campo polvilhado de sobreiros, projectando longas sombras. Jaime aproxima-se e pára a um metro, inseguro.

JOANA

É linda, esta paisagem. Tão calma.

(pausa)

Vocês são loucos. Não podiam ter feito isto.

(olha Jaime)

Tu não podias ter-me feito isto.

JAIME

Fiz isto por ti, Joana. Tu-

JOANA

(interrompendo)

Não foi por mim, não; nem um minuto. Tu só pensaste em ti, Jaime! Tu achas que isto é um jogo? Uma das tuas novelas?

JAIME

Porra, Joana! É o gajo que matou o teu pai. Não vês que é aquilo que sempre sonhámos - ter um destes porcos nas mãos. Podermos fazer-lhe o que ele nos fez.

JOANA

Isso não está certo, Jaime. Assim não.

JAIME

E o que ele fez ao teu pai, está certo? Desce dos teus romances, Joana, enfrenta a vida. Isto aqui é real.

Joana cruza os braços e fecha-se.

JAIME

(mais suave)

Vem cá, Joana... por favor.

Jaime aproxima-se e abraça Joana por trás. Ela não resiste mas também não colabora. Ficam um instante em silêncio.

JOANA

Como é que achas que eu me estou a sentir? Uma coisa destas, assim de repente.

JAIME

Desculpa, não pensei...

JOANA

E ele... É um velho. Não era assim que o imaginava.

JAIME

Não te deixes enganar, Joana. Aquele tipo é o mesmo que matou o teu pai. O corpo está mais estragado, mas o coração é o mesmo.

Os olhos de Joana enchem-se de lágrimas.

JOANA

Ele roubou-me tudo o que eu tinha.

JAIME

E vai pagar por isso.

69) INT. MONTE - NOITE

Joana, Jaime e Miguel jantam numa mesa rústica de madeira, na sala da casa do monte. Na lareira ardem alguns troncos.

Joana afasta o prato de massa bolonhesa quase intocado.

MIGUEL

Não vais comer? É o único prato que eu sei fazer.

Joana sorri.

JOANA

Desculpa. Estou sem apetite.

Jaime, pelo contrário, come com satisfação.

JAIME

Mas está bom. Uma delícia.

MIGUEL

Foi a única coisa útil que eu aprendi na guerra, esta massa. Foi o meu furriel que me ensinou a fazê-la.

Joana levanta-se e vai lavar o prato. Miguel remexe na massa, pensativo.

MIGUEL

Era um porreiro, o Santos. Cozinhava melhor que o cozinheiro da companhia. Quando havia festas nas casas dos senhores importantes lá de Malange vinham pedi-lo emprestado para fazer uns petiscos.

JAIME

Podias ter aproveitado para aprender mais uns pratos como este.

MIGUEL

Não tive tempo.

Leva uma garfada à boca, como se regressasse à realidade.

MIGUEL

O Santos foi dos primeiros a ir no meu pelotão. Numa emboscada. Levou dois tiros na barriga e morreu-me nos braços, enquanto esperávamos por um helicóptero.

(pausa)

Um gajo demora a morrer com dois tiros na barriga, sabias? E sofre como o caraças.

Jaime pára de comer, incomodado. Joana aproxima-se da mesa.

JOANA

Alguém vai dar de comer ao homem?
Eu não tenho coragem.

Miguel levanta-se com o seu prato.

MIGUEL

Eu vou.

Jaime empurra o prato para longe.

JAIME

Obrigado pela tua história. Era mesmo o que eu estava a precisar para me animar.

70) EXT. MONTE - NOITE

Jaime está no exterior da casa, no escuro, a fumar. Miguel sai de casa com um prato cheio na mão e uma garrafa de água.

JAIME

Miguel.

O amigo pára e Jaime aproxima-se, falando em voz baixa para Joana não ouvir.

JAIME

O filho da mãe é duro e é esperto. Nós assim não vamos conseguir tirar-lhe nada.

MIGUEL

Sim. E daí?

JAIME

Eu estive a pensar... acho que devíamos revezar-nos para não o deixar dormir.

MIGUEL

Isso...

(hesita)

Isso já é tortura, Jaime.

JAIME

Ele não aguenta muito tempo. Vais ver - uma noite sem dormir e confessa tudo.

MIGUEL

Não me peças uma coisa dessas, Jaime.

Jaime olha para a casa, certificando-se de que Joana não está por perto.

JAIME

O filho da puta merece isso e muito mais. Lembra-te de tudo o que ele nos fez.

(pausa)

Posso contar contigo ou não?

Coloca a mão no ombro do amigo.

JAIME

Vá lá, Miguel. Para nos irmos todos embora. Isto já começa a cheirar mal.

MIGUEL

A merda cheira sempre.

Miguel afasta-se e Jaime dá outra baforada no cigarro.

71) INT. ESTÁBULO - NOITE

Miguel está sentado num banco de madeira a dar de comer a Mendes Oliveira, que continua amarrado. O homem come com calma.

MENDES OLIVEIRA

Você é médico, não é?

Miguel não responde.

MENDES OLIVEIRA

Como é que um médico pode fazer uma coisa destas? Tratar uma pessoa assim.

MIGUEL

Vocês também tinham médicos na PIDE, não tinham? Pergunte-lhes a eles.

MENDES OLIVEIRA

Eu não tenho nada a ver com a PIDE, amigo. Meta isso na cabeça de uma vez por todas. Vocês estão todos enganados.

Miguel enfia-lhe outra garfada na boca.

MIGUEL

Esta noite você não vai dormir. Vamos ter de mantê-lo acordado até você falar.

Mendes Oliveira olha para a porta.

MENDES OLIVEIRA

É ideia deles, não é?

Miguel estende outra garfada.

MENDES OLIVEIRA

Não quero mais. Não vou comer mais até me soltarem. Nem que eu morra de fome, mas não volto a comer.

MIGUEL

Você é que sabe.

Levanta-se.

MENDES OLIVEIRA

Você está a enterrar-se por uma coisa em que não acredita. Sabe bem que eu não sou quem eles dizem - eu vejo nos seus olhos.

Miguel afasta-se com o prato e o petromax na mão.

MENDES OLIVEIRA

Eles são loucos e você é que vai sofrer com tudo isto.

72) INT. MONTE - NOITE

Jaime e Joana estão deitados na cama do único quarto do monte, vestidos, só com uma manta por cima. É uma cama de solteiro, o que os obriga a estar apertados um contra o outro. Jaime abraça Joana por trás e esta aninha-se contra o seu braço na penumbra do quarto branco.

Ouvem a porta do monte abrir e fechar-se. Uma luz bruxuleante ilumina a fresta da porta do quarto.

JAIME

É o Miguel. Já deve ter dado de comer ao pidge. Espero que lhe tenha contado a mesma história que nos contou a nós.

Joana não responde. Está sombria e pensativa. A porta do Monte volta a abrir-se e fechar-se e a luz na sala desaparece. Ficam de novo na penumbra.

JAIME

Quando isto tudo acabar...

Interrompe a frase a meio.

JOANA

Sim...?

JAIME

É uma estupidez termos de andar sempre a correr para casa de um e

de outro. Como se fôssemos adolescentes.

JOANA

O que é que queres dizer?

JAIME

Não sei. Talvez fosse uma boa altura para fazermos uma experiência.

JOANA

Não vamos falar nisso agora, Jaime. Eu...

Cala-se. Jaime apoia-se no cotovelo e fala mais perto dela.

JAIME

O quê...?

JOANA

Não sei, mas... eu não tenho a certeza se posso confiar em ti.

JAIME

O que é que queres dizer com isso?

JOANA

O que tu me fizeste hoje à tarde. Atirares-me assim para a frente daquele homem, sem estar preparada.

JAIME

Já te pedi desculpa...

JOANA

A questão não é essa. É que eu sinto que tu vais fazer-me isso mais vezes.

Jaime senta-se na cama.

JAIME

Não percebo o que é que queres dizer com isso.

Joana vira-se para ele.

JOANA

Quando eu chocar com a tua filha; quando eu precisar de apoio, de ajuda, de uma palavra – não sei se

tu vais estar lá, ou se vais estar
perdido nesse teu pequeno mundo.

Jaime levanta-se e dirige-se para a porta.

JAIME

Eu estou exausto, não consigo
discutir. Vou dormir na sala.

Joana fica de olhos abertos, vendo Jaime sair uma vez
mais da sua vida.

73) INT. CASA DE JAIME/SALA - DIA

A porta da casa de Jaime abre-se. É Catarina. A jovem
entra e olha em redor.

CATARINA

Pai!

Espreita para a sala.

CATARINA

Estás em casa?

Dirige-se à secretária de Jaime e retira da bolsa o
manuscrito que o pai lhe entregara. Coloca-a em cima da
secretária e cola-lhe um "post-it" amarelo no qual
escreve qualquer coisa (que não vemos).

Depois continua a explorar a casa. Empurra a porta do
quarto. A cama está feita.

Catarina volta à sala e retira o telemóvel da bolsa,
marcando um número.

Abre a janela, para arejar a casa, e fica a olhar a
paisagem.

O telefone dá sinal de desligado.

CATARINA

(para si mesma)

Onde é que te meteste agora?

74) ~~INT. CASA DE JAIME/COZINHA - DIA~~

(OMITIDA)

75) ~~INT. CASA DE JAIME/SALA - DIA~~

(OMITIDA)

76) INT. ESTÁBULO - DIA

Mendes Oliveira tem um ar ainda mais cansado do que na véspera, com olheiras profundas. Jaime está sentado à frente dele, no banco de madeira. Miguel e Joana têm também um ar cansado de uma noite sem dormir.

JAIME

Lembras-te de mim? Olha para a minha cara - lembras-te?

MENDES OLIVEIRA

Eu já disse-

JAIME

(interrompendo)

Se vêm aí mais mentiras, é melhor estares calado.

Joana aproxima-se do pido.

JOANA

Nós não vamos fazer-lhe mal. Não vamos. Eu só quero pôr uma pedra no meu passado. Por favor - só quero saber como é que o meu pai morreu.

MENDES OLIVEIRA

Eu não sei quem é o seu pai, senhora. Juro por Deus que não sei.

JOANA

Marcelino Pontes. A PIDE levou-o de casa numa manhã de 1970 e eu só voltei a vê-lo no funeral.

Mendes Oliveira baixa a cabeça, abanando-a.

MENDES OLIVEIRA

Eu não sei de nada.

JOANA

Disseram que tinha sido um acidente. Uma queda nas escadas. Eu só quero saber o que realmente se passou e depois você pode ir-se embora. É só isso.

JAIME

Ouviste? Faz-nos um favor a todos, pá. Quem é que matou o Marcelino? Foste tu? Foi um dos teus capangas? Como é que foi?

O homem olha-o sem responder. Jaime irrita-se e dá-lhe uma bofetada.

JAIME

Fala, porra!

Joana encolhe-se, mas não diz nada.

MIGUEL

Jaime...

JAIME

Este gajo está a começar a irritar-me.

(para Mendes)

Tu só tens a perder com essa teimosia, pá. Eu tenho o tempo todo do mundo, mas tu, quanto é que vais aguentar?

Mendes Oliveira reage com uma agressividade inesperada.

MENDES OLIVEIRA

Vá-se foder! Não tenho nada para dizer.

Jaime dá-lhe outra estalada, mais violenta.

JAIME

Isso é o que vamos ver, porco!

Joana sai do estábulo batendo a porta.

77) EXT. MONTE - DIA

Miguel sai atrás de Joana, que se afasta do estábulo em direcção à casa do monte.

MIGUEL

Joana!

A mulher pára, mas não se volta.

MIGUEL

O Jaime está a sofrer tanto como nós. Não penses que não lhe custa fazer isto.

JOANA

E se não for ele? E se este desgraçado não for o Mendes Oliveira? Já pensaste nisso?

MIGUEL

Aí podes estar descansada. É ele, sim.

Joana vira-se e encara Miguel.

JOANA

Como é que podes ter a certeza? Como é que vocês os dois podem estar tão certos?

O olhar de Miguel perde-se na distância.

MIGUEL

Tu eras miúda, é natural que não te lembres. Mas nós... eu passei quase um mês a ver este senhor todos os dias.

78) INT. EDIFÍCIO DA PIDE/SALA DE INTERROGATÓRIOS - DIA
(FLASHBACK CURTO)

Mendes Oliveira tem dois fios eléctricos descarnados nas mãos. Toca com um no outro, produzindo uma faísca.

79) EXT. MONTE - DIA

Miguel olha para Joana.

MIGUEL

E isso é uma coisa que não se esquece.

Joana passa a mão no rosto de Miguel.

JOANA

Volta lá para dentro, Miguel. Não deixes o Jaime fazer nenhum disparate.

80) INT. ESCRITÓRIO DE HENRIQUE/CORREDOR - DIA

Henrique está a chegar ao seu escritório. Tem o telemóvel encostado ao ouvido. A chamada vai parar ao voice mail.

HENRIQUE

Jaime, sou eu. Como é que ficou a história do cliente da tua filha? O Miguel sempre foi contigo ao tribunal? Diz-me alguma coisa.

Desliga o telemóvel e marca outro número da agenda.

81) INT. ESCRITÓRIO DE HENRIQUE - DIA

Henrique entra no seu gabinete e coloca a pasta em cima da secretária. Enquanto o telefone chama aproxima-se da janela, que tem uma vista fantástica sobre Lisboa.

HENRIQUE

Bom dia. Posso falar com o Dr. Miguel Miranda, por favor?

INTERCALA COM:

82) INT. HOSPITAL INGLÊS/GABINETE DE ENFERMEIRA - DIA

Quem está a atender o telefonema é a enfermeira Teresa.

TERESA

Bom dia. O Dr. Miguel não está.

HENRIQUE

Sabe dizer-me a que horas ele chega?

TERESA

O Doutor não vem esta semana. Ele tirou uns dias de férias. Quem está a substituí-lo é o Dr. Pessanha. Quer falar com ele?

HENRIQUE

Não, não. É um assunto pessoal.

(pausa)

Sabe dizer-me se ele marcou estas férias há muito tempo?

TERESA

Eu acho melhor fazer essas perguntas ao doutor. Tente ligar-lhe para o telemóvel.

HENRIQUE
Já tentei, obrigado.

Henrique desliga o telemóvel e fica pensativo.

83) INT. ESTÁBULO - NOITE

A porta do estábulo está aberta e o jeep de Jaime está parado de forma a que os faróis iluminam o interior.

Mendes Oliveira está sentado mesmo de frente para as potentes luzes. Tem um ar exausto e cabeceia de sono.

Jaime bate as palmas mesmo ao pé do seu ouvido. O homem estremece com o som.

JAIME
Abre esses olhos! Não vais dormir, ouviste. Enquanto não disseres o que nós queremos ouvir não vais dormir.

MENDES OLIVEIRA
Por favor...

JAIME
Não há favores para ninguém, meu pulha. Ou falas ou a festa vai continuar.

MENDES OLIVEIRA
Eu tenho de ir mijar. Não aguento mais.

JAIME
Então faz nas calças. Mija-te nas calças, porco.

Miguel surge ao lado do amigo.

MIGUEL
Jaime, vamos-

JAIME
Não vamos nada. Se ele quer mijar que mije. Ou que fale. A escolha é dele.

MENDES OLIVEIRA
(para Miguel)
Por favor, Doutor. Eu sofro da bexiga, isto está me matando.

JAIME

Sofrer? Tu sabes lá o que é sofrer.
Causar sofrimento, isso sim, isso
tu sabias.

MENDES OLIVEIRA

Doutor...

O homem não aguenta mais e urina-se. Uma poça forma-se
nos seus pés e Mendes Oliveira começa a chorar, tentando
aguentar os soluços.

Miguel puxa Jaime por um braço, arrastando-o para fora do
estábulo.

84) EXT. ESTÁBULO - NOITE

Jaime solta o braço da mão de Miguel com um safanão.

JAIME

O que é? Qual é o teu problema
agora?

MIGUEL

És tu. O meu problema és tu, e a
forma como estás a lidar com isto.

JAIME

Deixa-te de merdas, Miguel. Não
sejas hipócrita, eu só estou a
fazer o que tem de ser feito.

MIGUEL

Não - tu estás a gostar do que
estás a fazer. Se ele falasse agora
ias ficar desiludido.

JAIME

Disparates!

MIGUEL

Isto já não é justiça - isto é
vingança.

JAIME

E se for? As duas coisas não podem
andar juntas?

(pausa)

Está a saber-me bem? Está, está
sim. Sonhei muitas vezes com isto.
Mas se ele falar vou ficar tão
aliviado como tu.

Miguel vira-se, abanando a cabeça.

MIGUEL

Só estás a trazer mais sofrimento para a tua vida, Jaime. Mais dor, mais memórias amargas para abafar.

JAIME

Eu só quero que isto acabe depressa.

MIGUEL

Em Angola eu também torturei um preto.

Jaime vira-se para o amigo. A confissão surpreendeu-o.

MIGUEL

Foi depois do Santos morrer. Apanhámos um gajo na emboscada. Estava ferido, mas o capitão deu-lhe uma coça durante dois dias. E eu assisti a tudo, até ele morrer. E não fiz nada.

JAIME

Não... sabia disso.

MIGUEL

O que é que me atormenta mais - o que sofri ou o que deixei sofrer? Não sei.

Olha para Jaime.

MIGUEL

Não sei.

Jaime esfrega a cara.

JAIME

Vou voltar lá para dentro. O gajo já deve estar a dormir.

85) INT. ESTÁBULO - NOITE

Jaime está sentado atrás de Mendes Oliveira. Fala-lhe perto do ouvido. O homem tem um ar esgazeado, vagueando com o olhar pelas sombras ameaçadoras que os faróis do jeep projectam.

P.O.V. de Mendes Oliveira - as sombras nas paredes parecem mexer-se, distorcendo-se e desfocando-se.

MENDES OLIVEIRA

Eu não quero morrer...

JAIME

Ninguém vai morrer.

O pide cabeceia de sono e Jaime puxa-lhe o cabelo.

JAIME

Acorda!

MENDES OLIVEIRA

Eu quero dormir, por favor, deixe-me dormir, só um bocadinho.

Jaime levanta-se de rompante. Contorna o homem e aproxima a cara dele.

P.O.V. de Mendes Oliveira - a cara de Jaime dança à sua frente, distorcida e ameaçadora.

JAIME

Não! Vais fazer exactamente como eu mando. Quem sabe... se correr tudo bem, talvez te deixe dormir... uma hora..Sim? Uma hora? Já viste?

MENDES OLIVEIRA

Uma hora?

JAIME

Uma hora inteirinha. Só tens que dizer o teu nome completo.

MENDES OLIVEIRA

Francisco Ferraz.

JAIME

Não! O outro, o verdadeiro.

MENDES OLIVEIRA

Fran-

Jaime dá-lhe uma bofetada.

JAIME

Assim não chegamos a lado nenhum e tu não dormes hora nenhuma.

Mendes Oliveira olha para ele, com o olhar desfocado.

MENDES OLIVEIRA

Esse nome já não existe, faz parte do passado.

Jaime endireita-se. Está a chegar a algum lado. Fala em voz baixa.

JAIME

Talvez esteja na hora de acordar o passado. Como é que te chamas?

Mendes Oliveira muda de expressão, deixando transparecer raiva e maldade.

MENDES OLIVEIRA

Queres saber o meu nome, cabrão? Eu digo-te quando te apanhar lá fora!

JAIME

Como é que te chamas?

MENDES OLIVEIRA

E essa puta que trouxeste agora - vou matá-la também.

Jaime descontrola-se e dá uma violenta estalada na cara do pidge, rachando-lhe um lábio, que fica a sangrar.

Mendes Oliveira chupa o lábio ferido. Percebemos que continua a ser um homem perigoso, apesar da situação em que está.

Jaime esfrega a mão com que bateu no homem.

JAIME

Filho da puta...

86) INT. MONTE - NOITE

Miguel está deitado no sofá da sala do monte, vestido, só com uma manta por cima. Dorme um sono agitado - os seus olhos agitam-se e rolam por baixo das pálpebras e a sua boca balbucia palavras ininteligíveis.

INTERCALA COM:

87) INT. PRISÃO - DIA (SONHO)

Miguel, tal como ele é hoje, está sentado e amarrado numa cadeira, numa sala nua, por trás de um gradeamento.

Passos aproximam-se. É um homem de quem só vemos os pés e detalhes do corpo. Caminha lentamente, batendo com uma moca de madeira nas portas gradeadas por onde vai passando.

Vemos imagens chocantes de soldados em acção na guerra colonial (imagens de arquivo).

Miguel agita-se, na sua cadeira.

Vemos nova cena da guerra colonial (imagens de arquivo).

O outro homem aproxima-se, caminhando ao longo do corredor que conduz ao gradeamento.

Vemos ainda outra cena de guerra (imagens de arquivo).

O homem surge de repente das sombras, agarrando o gradeamento mesmo ao lado de Miguel. É Mendes Oliveira, tal como é no presente. Bate com a moca nas grades, fazendo UM ESTRONDO que parece um tiro.

88) INT. MONTE - NOITE

Miguel acorda sobressaltado, com o rosto encharcado em suor. É Joana que está ao seu lado, a abaná-lo com força.

JOANA

Miguel, acorda. Por favor.

MIGUEL

O que foi - o que é que se passa?

JOANA

Pareceu-me ouvir um tiro no estábulo.

Miguel levanta-se, sobressaltado.

MIGUEL

Um tiro?!

Nesse momento ouve-se OUTRO TIRO. Joana endireita-se, tapando a boca, com uma expressão de aflição. Miguel corre para a porta, calçando-se.

89) EXT. MONTE - NOITE

Miguel sai da casa, ainda a acabar de se calçar, e corre para o estábulo. Joana vem atrás dele.

A porta do estábulo está aberta, deixando sair a luz trémula do petromax.

90) INT. ESTÁBULO - NOITE

Miguel e Joana irrompem pelo estábulo dentro e deparam-se com Jaime, de espingarda na mão.

Na parede, atrás do pido, há marcas dos dois tiros disparados.

Mendes Oliveira, de olhos fechados, abana a cabeça violentamente. Jaime está desvairado.

JAIME

Vais falar ou não, filho da puta?

MIGUEL

O que é que se passa, Jaime?

Jaime agita a carabina com violência.

JAIME

Este gajo está quase a falar.

(para Mendes)

Abre os olhos, cão.

Empurra-lhe a cara com o cano da arma.

MIGUEL

Jaime...!

JAIME

Olha para mim!

Joana adianta-se e mete-se entre Jaime e Mendes Oliveira, empurrando o cano da arma para longe do pido.

JOANA

Assim não, Jaime!

JAIME

Não te metas agora. Sai da frente.

JOANA

Não vale a pena, Jaime. Nada merece isto.

JAIME

Ele ameaçou matar-te, Joana. Esse gajo está aqui, quase morto, e ainda faz ameaças.

Miguel aproveita a interrupção para se aproximar de Mendes Oliveira e levantar-lhe a cabeça.

MIGUEL

Olhe para mim - como é que você está, homem?

O pido abre os olhos, meio enevoados.

P.O.V. de Mendes Oliveira - a cara de Miguel, distorcida, como que flutuando à sua frente.

JOANA

Isto está a ir longe de mais. Eu não quero-

JAIME

(interrompendo)

Não se trata do que tu queres, Joana. Eu é que o trouxe para aqui. Se não estás bem, vai-te embora. Mas esse gajo vai falar, juro que vai.

Joana vai responder, mas é interrompida pela voz trémula do pide.

MENDES OLIVEIRA

José Mendes de Oliveira.

Joana vira-se e Miguel endireita-se. Os três olham para ele.

JAIME

Podes repetir?

MENDES OLIVEIRA

O meu nome é José Mendes Oliveira.

Miguel avança para o homem.

MIGUEL

O inspector da PIDE José Mendes de Oliveira?

O pide abana a cabeça afirmativamente.

MIGUEL

O homem que nos prendeu e torturou, a mim e ao Jaime, e a tantos outros?

MENDES OLIVEIRA

Eu fiz o meu trabalho. Só o meu trabalho.

Lágrimas correm dos olhos de Miguel. O médico vira-se e corre para fora do estábulo.

Joana e Jaime entreolham-se.

91) EXT. MONTE - ALVORADA

Ao pé do lago, Joana joga pequenas pedras para a superfície da água, fazendo círculos de ondas. Jaime aproxima-se dela e acocora-se ao seu lado.

JOANA

Tinhas razão. É mesmo ele.

JAIME

Desculpa eu ter-te falado assim-

JOANA

(interrompendo)

Não, não - também tinhas razão nisso. Se eu não tenho coragem para fazer o que tem de ser feito, então...

Jaime endireita-se e tenta passar-lhe o braço por cima do ombro. Ela afasta-se discretamente, só o suficiente para o impedir.

JAIME

Mas eu peço-te desculpa na mesma. Fui bruto e rude, mas tu sabes que eu não sou assim.

JOANA

Eu já não sei quem tu és, Jaime. Aliás, acho que tu também não sabes.

Joana joga outra pedra na superfície da água, que ressalta várias vezes. Depois olha para Jaime.

JOANA

Talvez ainda seja cedo para vivermos juntos. Não tem nada a ver com isto, acredita. Mas tu precisas de tempo para te encontrares, e eu acho que ainda não estou preparada.

Afasta-se. Jaime vai segui-la, mas depois hesita e fica imóvel.

92) ~~INT. FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA/CORREDOR - DIA~~

(OMITIDA)

93) INT. ESCRITÓRIO DE HENRIQUE - DIA

A secretária de Henrique atende o telefone.

SECRETÁRIA
Escritório do engenheiro Henrique
Serrano.

INTERCALA COM:

94) INT. TRIBUNAL DE LISBOA/CORREDOR - DIA

A chamada vem de Catarina, que está de pé num dos corredores do Tribunal, entre sessões.

CATARINA
Daqui fala Catarina Ferreira. Será
que o Henrique me pode atender?

SECRETÁRIA
Vou passar, só um momento, por
favor.

CATARINA
Obrigado.

94A) INT. GABINETE DE HENRIQUE - DIA

Henrique está sentado na sua imponente secretária.

HENRIQUE
Olá, Catarina. Há quanto tempo.

CATARINA
É verdade. Está tudo bem consigo?

HENRIQUE
As mesmas confusões de sempre.
Devia ter feito como o teu pai, e
escolhido uma vida mais tranquila.

CATARINA
É mesmo por causa dele que estou a
telefonar. Já há uns dias que não o
consigo encontrar. Ele não disse
nada ao Henrique, se ia viajar ou
coisa assim?

Henrique fica sério.

HENRIQUE
Não... não temos falado muito. Não
sei...

(pausa)

Olha, eu vou tentar saber alguma coisa. Não queres passar lá por minha casa esta noite?

CATARINA

Eu não quero maçá-lo, Henrique.

HENRIQUE

Não maças nada. Até logo.

Henrique desliga o telefone e pousa os dois cotovelos na secretária, apoiando a boca nas mãos, pensativo.

94B) EXT. TRIBUNAL DE LISBOA/CORREDOR - DIA

Joana desliga o telemóvel e tira uma agenda da bolsa, procurando um número. Marca-o no telemóvel.

CATARINA

Está? É da GNR?

INTERCALA COM:

95) INT. ESQUADRA DA GNR - DIA

Um SARGENTO DA GNR atende o telefone, numa pequena esquadra de província.

SARGENTO

É sim. Posso ajudar?

CATARINA

Desculpe estar a incomodar, mas...
é o sargento Gomes que está a falar?

SARGENTO

Sou eu mesmo.

CATARINA

Eu sou a filha do senhor Jaime Ferreira, que tem um monte aí na freguesia, o Monte das Hortas, lembra-se?

SARGENTO

Ó menina Catarina, então não havia de lembrar. A menina é que nunca mais apareceu por cá. Quando é que nos vem fazer uma visitinha?

JOANA

Qualquer dia, sargento.

SARGENTO

Então diga lá qual é o problema?

CATARINA

Provavelmente não é nada, mas... o meu pai não dá sinal há uns dias, não atende o telefone, se calhar foi até aí e não me disse nada.

SARGENTO

E a menina quer que a gente vá verificar?

94C) EXT. TRIBUNAL DE LISBOA/CORREDOR – DIA

Catarina sorri, agradecida.

CATARINA

Se não for incómodo.

SARGENTO

Não é incómodo nenhum, ora essa. Mas olhe que o seu pai não deve ter vindo para cá. Ele só costuma aparecer para caçar e ainda não é temporada.

CATARINA

Mesmo assim, se puder lá dar um saltinho...

SARGENTO

Vou com certeza.

CATARINA

Obrigada.

Catarina desliga o telemóvel.

96) ~~EXT. FACULDADE DE LETRAS/ESCADAS – DIA~~

(OMITIDA)

97) EXT. MONTE – DIA

Jaime retira um balde de água de um ribeiro perto do monte e agarra noutra balde que está pousado no chão, já cheio.

98) INT. ESTÁBULO - DIA

Jaime entra no estábulo com os dois baldes nas mãos. Joana está encostada à parede e Miguel anda de volta de Mendes Oliveira. O pede cabeceia de sono.

JAIME

O gajo disse mais alguma coisa?

MIGUEL

Nada de novo.

(para Mendes)

Abre os olhos, pá. Abre-me esses olhos.

Abana-lhe a cabeça e Mendes Oliveira desperta, balbuciando.

MENDES OLIVEIRA

Eu... consigo... deixem-me...

JAIME

Isto já o acorda.

Pousa os baldes no chão, à frente do pede, e agarra num deles. Joga a água com violência contra Mendes Oliveira, que estremece como se tivesse levado um choque eléctrico.

Joana também se encolhe, como se a água a tivesse atingido a ela.

JAIME

Geladinha! Boa, não é? Em Caxias - grandes banhos de água gelada que eu apanhei.

MIGUEL

Quem é que matou o Marcelino? Fala!

MENDES OLIVEIRA

Não sei. Não fui eu, juro por Deus.

JAIME

O gajo fede que nem um porco. É preciso mais água!

MENDES OLIVEIRA

Não, por favor...

MIGUEL

Então fala. Diz-nos o que queremos saber e vamos todos dormir. Eu também estou cansado, achas que eu quero continuar aqui?

MENDES OLIVEIRA

Mas eu não fui-

Jaime joga-lhe o outro balde de água para cima.

MENDES OLIVEIRA

Mais não... por favor!

Joana vira-se de costas e baixa a cabeça, incomodada.

Miguel dá uma ligeira estalada na cara de Mendes Oliveira.

MIGUEL

Não durmas, pá!

JOANA

Pára, Miguel!

Joana avança para Miguel.

JOANA

O que é que se passa? Tu também...?

JAIME

Joana, por favor-

As suas palavras são interrompidas por uma BUZINA vinda do exterior. Os três entretolham-se. Jaime espreita pela porta.

P.O.V. de Jaime - um jeep da GNR sobe pelo caminho que conduz ao Monte. Volta a buzinar.

JAIME

Porra! É a GNR.

MIGUEL

Merda!

Jaime olha para Miguel.

JAIME

Abafa-me esse gajo! Eu vou lá.

99) ~~INT. TRIBUNAL DE LISBOA/SALA DE AUDIÊNCIAS - DIA~~

(OMITIDA)

100) ~~INT. ESTÁBULO - DIA~~

(OMITIDA)

101) EXT. ESTÁBULO - DIA

Jaime sai do estábulo e dirige-se para o jeep da GNR, ajeitando o cabelo.

O veículo estaciona relativamente perto da entrada do estábulo. O sargento Gomes desembarca e um SOLDADO fica a observá-los do lugar do motorista.

JAIME

Boa tarde, Gomes.

SARGENTO

Boa tarde.

O GNR faz a continência e depois aperta a mão a Jaime.

JAIME

Que surpresa. Não estava a contar com a sua visita.

SARGENTO

Estamos só de passagem. Está tudo bem?

O homem olha com curiosidade para a porta aberta do estábulo e dá um passo nessa direcção. Jaime dá também um passo.

JAIME

Tudo. Porquê?

SARGENTO

Não é costume vê-lo por cá nesta época.

O sargento dá mais um passo para o lado e Jaime faz o mesmo.

JAIME

Vim ver como estava a casa. Estou a pensar fazer umas obras...

SARGENTO

Já está a pedir, já.

JAIME

Quer tomar alguma coisa, Gomes?

Coloca a mão no braço do sargento.

102) INT. ESTÁBULO - DIA

No interior do estábulo Miguel mantém Mendes Oliveira imobilizado, tapando-lhe a boca com um pano. O pidge agita-se, tentando soltar-se. Consegue soltar uma perna e chutar um dos baldes, que tomba com ruído.

Junto à porta, Joana encolhe-se, aflita.

103) EXT. ESTÁBULO - DIA

O sargento olha curioso para a porta aberta do estábulo e contorna Jaime.

SARGENTO

Tem convidados, Jaime?

JAIME

Eu...? Quer dizer...

Nesse momento Joana sai do estábulo, apertando a blusa e ajeitando a saia.

JOANA

Olá...

O sargento sorri e olha para Jaime, cúmplice.

SARGENTO

Já vi que sim.

(pausa)

Obrigado pelo convite, mas estou de serviço.

JAIME

Nem uma cervejinha sem álcool?

SARGENTO

Nem isso.

Volta a entrar para o jeep.

SARGENTO

Telefone para a sua filha. Ela está preocupada consigo. Diz que o senhor deu sumiço.

Jaime sorri, simpático.

JAIME

Vou telefonar, obrigado. Vá aparecendo, sargento.

O sargento faz continência a Joana e o jeep arranca, levantando poeira.

104) INT. ESTÁBULO - DIA

No interior do estábulo Miguel solta a cabeça de Mendes Oliveira, aliviado.

O pide cospe o pano para o chão e fica a arfar.

105) INT. MONTE - DIA

Joana entra em casa de supetão, zangada. Jaime vem atrás dela.

JOANA

Isto já foi longe demais.

JAIME

Está quase a acabar, juro. O tipo não aguenta muito mais.

JOANA

E depois? O que é que vão fazer depois, já pensaste nisso?

Jaime não tem resposta para lhe dar.

JOANA

Houve um momento, quando a GNR apareceu, que eu desejei que eles entrassem no estábulo e pusessem um fim a isto tudo.

JAIME

Não digas isso.

JOANA

É que eu não sei como é que isto vai terminar, Jaime. O que é que vão fazer a esse homem quando ele disser o que vocês querem ouvir?

Joana começa a arrumar peças de roupa dentro do seu saco.

JOANA

Vão soltá-lo? Matá-lo? O quê?

JAIME

Ainda não sei, Joana. É só o que te posso dizer.

Joana fecha o fecho do saco com um movimento brusco.

JOANA

Eu não aguento mais. Não fui feita para isto.

Sorri para Jaime, tristemente.

JOANA

O meu pai ia ficar triste comigo, mas... não tenho coragem para continuar.

Jaime não responde e deixa-se cair numa cadeira.

106) ~~EXT. CASA DE MENDES OLIVEIRA - DIA~~

(OMITIDA)

107) EXT. MONTE - ENTARDECER

Joana dirige-se ao seu carro, com o saco na mão. Miguel vem ao encontro dela.

MIGUEL

Vais-te embora?

JOANA

Não quero ter mais nada a ver com isto. Vocês passaram todos os limites.

MIGUEL

Já há muito tempo. Mas isso agora é irrelevante.

JOANA

Para mim, não.

Joana entra no carro e abre a janela.

JOANA

O meu pai lutou e morreu por muitas coisas, mas esta não foi uma delas.

Miguel desvia o olhar para a casa. Jaime está à porta.

MIGUEL

E o Jaime?

JOANA

Ele é um homem crescido. Não precisa de mim para cometer os seus erros.

Jaime vira costas e fecha a porta.

Joana liga o carro.

JOANA

Pensa na tua mulher, Miguel.

Põe o carro em movimento e afasta-se pelo caminho poeirento.

108) INT. MORADIA DE HENRIQUE/SALA - NOITE

Henrique está a servir dois copos de whisky.

HENRIQUE

Não queres beber mesmo nada, amor?

Marla abana a cabeça. Está sentada no sofá, olhando Catarina com um ar desconfiado.

MARLA

Obrigada, fofo.

Henrique traz os dois copos e passa um deles a Catarina.

HENRIQUE

O teu pai gosta deste.

Catarina sorri e bebe um golo leve.

MARLA

Então você perdeu o seu pai, foi, Catarina?

Henrique olha para a jovem com ar severo.

HENRIQUE

Marla!

(para Joana)

Desculpa, Catarina...

CATARINA

É uma maneira de pôr as coisas.

(para Henrique)

Ele desapareceu há alguns dias e não me deu notícias desde aí.

HENRIQUE

É mesmo coisa dele.

CATARINA

Tinha esperança que o Henrique soubesse de alguma coisa, porque o

Miguel e a Joana também não estão por cá.

HENRIQUE

Não, não sei. Se eles foram a algum lado esqueceram-se de me avisar.

MARLA

O que é uma falta de respeito, diga-se.

HENRIQUE

Ó Marla! Já chega.

Marla levanta-se, aborrecida.

MARLA

Até à próxima, Catarina.

Sai da sala e Henrique acompanha-a com o olhar, distraíndo-se um pouco de Catarina.

Catarina bebe um golo, ganhando tempo.

CATARINA

O nome Mendes Oliveira diz-lhe alguma coisa, Henrique?

Henrique reage bruscamente, voltando a olhar para Catarina.

HENRIQUE

Não! Que eu veja, não. Porquê?

CATARINA

O Miguel chamou isso a um dos meus clientes, no outro dia. Depois disfarçou, mas tenho a certeza de que o chamou por esse nome.

HENRIQUE

E não é o nome do teu cliente, presumo?

CATARINA

Não — é Ferraz. Mas o mais estranho é que ele também desapareceu.

Olha o homem, procurando pistas, mas Henrique não se desmancha.

HENRIQUE

Deve ser só coincidência, Catarina.
(pausa)

Posso fazer mais alguma coisa por ti?

Catarina percebe a deixa e pousa o copo.

CATARINA

Não, obrigada.

Levanta-se e Henrique ergue-se também.

HENRIQUE

Bem, nesse caso é melhor eu ir fazer as pazes com a Marla. Ela é muito sensível.

Catarina dá um beijo na face de Henrique.

CATARINA

Obrigada, Henrique. Se o meu pai ligar zangue-se com ele.

HENRIQUE

Zango mesmo, não te preocupes.

109) EXT. MONTE - NOITE

Jaime está sentado à mesa da sala do monte. Enche um copo de whisky e bebe metade de um trago.

Encosta-se para trás na cadeira e esfrega os olhos. O seu aspecto, com a barba por fazer e olheiras marcadas, também já foi melhor.

Bebe o resto do whisky e derruba a garrafa vazia em cima da mesa, fazendo-a rodar como a agulha de uma bússola. Depois levanta-se e vai abrir as portas de um armário, procurando. Encontra outra garrafa de whisky, ainda selada. Tira a tampa e bebe um golo directamente do gargalo.

110) INT. ESTÁBULO - NOITE

Miguel está de pé, junto da porta do estábulo, olhando para a casa onde uma luz brilha na janela. Mendes Oliveira balbucia atrás dele.

MENDES OLIVEIRA

Sede... tenho sede...

Miguel vira-se. O homem olha para ele com ar suplicante. Miguel dirige-se ao banco de madeira e agarra numa garrafa de água meio cheia. Dirige-se ao pido e dá-lhe o gargalo. O homem bebe com sofreguidão e depois engasga-se, num ataque de tosse.

MIGUEL

Calma, calma.

Passa a mão na testa do homem, que está a tremer. Dá-lhe mais um pouco de água. Mendes bebe agora com mais calma.

MENDES OLIVEIRA

Obrigado.

Miguel endireita-se e olha de novo para fora.

MIGUEL

Durma um pouco.

MENDES OLIVEIRA

Posso...?

Miguel não responde e afasta-se, saindo do estábulo. Mendes Oliveira fecha os olhos e baixa a cabeça, exausto.

111) INT. CASA DE MIGUEL/QUARTO - NOITE

Ana está sentada na cama, de óculos, com um romance na mão. O telefone do quarto toca e ela inclina-se precipitadamente para ele, deixando cair o livro.

ANA

Miguel...?

INTERCALA COM:

112) EXT. MONTE - NOITE

Miguel hesita um pouco antes de responder a Ana.

ANA

Miguel... és tu?

A voz de Miguel é trémula.

MIGUEL

Sim. Como é que estás?

ANA

Estou bem, estou bem. E tu?

Miguel não responde.

ANA

Quando é que voltas? Estou tão preocupada contigo.

MIGUEL

Não é preciso, está tudo bem.

ANA

Não está certo, deixares-me assim sozinha, e passares tanto tempo sem dizer nada.

MIGUEL

Eu tenho estado a pensar... no nosso casamento. Tenho pensado muito.

ANA

Não vamos falar nisso agora. Volta para casa.

MIGUEL

Já não temos idade para adoptar uma criança, Ana. Somos velhos demais para isso. Pelo menos é o que eu acho.

(pausa)

Para dizer a verdade, já nem temos idade para nos divorciarmos.

As lágrimas começam a correr pelo rosto de Miguel. Ele funga e limpa os olhos.

ANA

Volta para casa, Miguel. Sinto a tua falta.

Miguel fala com a voz tremida.

MIGUEL

Ai, Ana, Ana... porquê? Sabes dizer-me porquê?

ANA

O que é que tens?

MIGUEL

Há tanta coisa que eu te devia ter dito. Tanta coisa... Mas agora — já passou a altura certa. O nosso tempo passou.

ANA

O que é que se passa, Miguel? Por favor-

MIGUEL

Tenho de desligar. Adeus.

ANA

Miguel...?

Miguel desliga o telefone e dobra-se para a frente, soluçando. O telefone toca mas ele não atende. Depois endireita-se e atira-o para longe.

O telefone fica caído no meio do mato, a tocar, enquanto ao longe Miguel regressa ao estábulo.

113) EXT. ESPLANADA - DIA

Catarina está sentada numa esplanada, a tomar um café e um cigarro. O telemóvel toca e ela atende, com uma expressão de algum espanto.

CATARINA

Sim...?

INTERCALA COM:

113A) INT. CEMITÉRIO DOS PRAZERES - DIA

Joana está ajoelhada junto à campa do pai, falando ao telemóvel enquanto limpa os cravos murchos.

JOANA

Sou eu, a Joana. Podes falar?

CATARINA

Se for rápido.

JOANA

É por causa do teu pai.

CATARINA

O que é que se passa? Onde é que vocês estão?

JOANA

Eu não estou com ele.

CATARINA

O que é que se passa, então?

JOANA

Não é coisa para falar ao telefone. Quando é que nos podemos encontrar?

CATARINA

Ao fim da tarde...?

JOANA

Em casa do teu pai, às seis.

Joana desliga o telemóvel e olha o cravo murcho que está a segurar.

114) INT. ESTÁBULO - DIA

Mendes Oliveira está sentado, amarrado como de costume. O seu aspecto está cada vez pior.

Jaime e Miguel estão respectivamente à frente e atrás dele.

JAIME

O Marcelino foi preso por ti em
Fevereiro de 1970.

MIGUEL

Em Março começou a ser interrogado
na António Maria Cardoso.

JAIME

Em Abril o corpo foi devolvido à
família, para pagarem o funeral.

MIGUEL

O que é que se passou durante estes
dois meses?

MENDES OLIVEIRA

Não sei... não lembro.

JAIME

Mataste assim tantos que já não te
lembras dos detalhes?

MENDES OLIVEIRA

Eu não matei ninguém-

Miguel dá-lhe uma pancada violenta na cabeça.

MIGUEL

Já chega de mentiras!

JAIME

Quem é que matou o Marcelino?

Mendes Oliveira levanta o olhar para Jaime.

MENDES OLIVEIRA

Não sei. Não sei, já disse!

Miguel debruça-se para o pide.

MIGUEL

Já chega de mentiras, meu porco.

Nesse momento ouve-se uma BUZINA no exterior. Mendes Oliveira reage imediatamente.

MENDES OLIVEIRA
Socorro! Aqui! Soc-

Miguel tapa-lhe a boca com o pano, abafando-o enquanto o homem se debate violentamente.

Jaime corre para a porta, hesita por um momento, e depois sai.

Miguel fica a olhar para a porta, lívido, enquanto imobiliza a cabeça do homem. Inconscientemente, o seu olhar dirige-se para a espingarda de Jaime, encostada à parede. Depois novamente para a porta. Sua abundantemente e fala em voz baixa.

MIGUEL
Se não paras eu parto-te o pescoço.
Juro que parto.

Nesse momento uma silhueta recorta-se contra a porta. Miguel semicerra os olhos. É Henrique, que fica espedado a olhar para a cena, abanando a cabeça.

MIGUEL
Henrique?!

Miguel solta o pano que amordaça o pide.

MENDES OLIVEIRA
Socorro, por favor, senhor. Tire-me
daqui.

115) INT. MONTE - DIA

Henrique anda agitadamente de um lado para o outro, gesticulando enquanto fala com Jaime e Miguel.

HENRIQUE
Vocês são uns idiotas! Uns idiotas
completos! Fazer uma coisa destas?!

JAIME
Alguém tinha de fazer alguma coisa.

HENRIQUE
Para isso é que há a polícia, os
tribunais, as prisões, porra!

MIGUEL
Isso é muito fácil de dizer, lá nos
teus gabinetes junto ao céu, e nos

teus almoços com os ministros e os poderosos.

HENRIQUE

Não me lixes, pá! Isso são tretas. Eu também fui preso, eu também fui torturado. E não ando aí a raptar pessoas.

Jaime fala calmamente.

JAIME

Foi ele que matou o Marcelino. Foi este porco. Achas que um gajo assim merece viver?

HENRIQUE

Que conversa é essa, pá? Se merece viver?! É claro que merece, estás louco? Vocês esqueceram tudo pelo que nós lutámos? Porra!

Vira-se, desesperado.

HENRIQUE

E agora eu sou cúmplice desta merda toda.

MIGUEL

Podes ir-te embora, Henrique. Ele mal te viu - a tua carreira não está em perigo.

HENRIQUE

Achas que eu posso confiar nisso? Em dois loucos como vocês?

Jaime levanta-se.

JAIME

Vamos acabar com isto. O gajo vai rachar esta noite.

Miguel levanta-se também, decidido.

MIGUEL

(para Henrique)

Daqui ninguém sai sem falar.

115A) INT. CASA DE JAIME/SALA - NOITE

Joana e Catarina estão sentadas face a face.

CATARINA

O que é que se passa, afinal?

JOANA

Tu tens um cliente chamado
Francisco Ferraz, não tens?

Catarina olha-a desconfiada.

CATARINA

Sim...?

JOANA

Na realidade, o seu nome verdadeiro
é José Mendes Oliveira.

CATARINA

Mendes Oliveira...?!

JOANA

Já ouviste esse nome? Eu vivi a
vida toda com ele.

(pausa)

Mas deixa-me contar-te tudo desde o
início.

Tira um cigarro do maço de Joana e acende-o, inspirando
profundamente. Depois olha para Catarina.

116) INT. ESTÁBULO - NOITE

Mendes Oliveira está sentado, amarrado. O seu aspecto é
de um farrapo humano.

Miguel é quem está mais alterado. Jaime acompanha-o e
Henrique acompanha tudo à distância.

MIGUEL

Eu não acredito que tu não te
lumbres do Marcelino.

MENDES OLIVEIRA

Não lembro, juro por Deus.

JAIME

Temos a noite toda.

MIGUEL

Olha para mim. E de mim, lembras-
te? Olha para a minha cara - Miguel
Miranda.

O pide desvia o olhar. Miguel dá-lhe uma estalada.

HENRIQUE

Miguel...!

Jaime agarra Henrique, não o deixando intervir.

MIGUEL

Não fujas, olha para mim. Eu lutei na guerra, tive louvores, fui um bom militar. Mas isso não me serviu de muito quando caí nas tuas mãos, pois não?

Mendes Oliveira olha fixamente para Miguel. Desta vez fala com maldade.

MENDES OLIVEIRA

Já estou a lembrar-me... Eu até te tratei bem, não foi?

Miguel dá um passo para trás.

MENDES OLIVEIRA

Eu nem sempre gostava do meu trabalho, mas confesso que no teu caso abri uma excepção.

Os olhos de Miguel desfocam, perdidos no tempo.

117) INT. EDIFÍCIO DA PIDE/SALA DE INTERROGATÓRIOS - DIA (FLASHBACK)

Miguel está de pé, nu, de costas, imobilizado por dois agentes da PIDE.

Mendes Oliveira aproxima-se dele segurando dois cabos eléctricos descarnados nas pontas. Encosta os terminais, fazendo soltar uma fâisca.

MENDES OLIVEIRA (V.O.)

Militares renegados, desertores, traidores da pátria - para vocês eu tinha uma receita especial.

Mendes Oliveira estende os dois fios eléctricos em direcção à zona genital de Miguel. O médico retorçe-se de dor e grita desalmadamente, mas não ouvimos nada.

As luzes da sala de interrogatórios tremem e quase se apagam. Miguel desfalece e só não cai porque os dois pides continuam a apará-lo.

118) INT. ESTÁBULO - NOITE

Mendes Oliveira olha para Miguel. O seu rosto destroçado pelo cansaço transfigurou-se e é agora uma máscara do mal.

MENDES OLIVEIRA

De ti eu lembro-me, sim.

JAIME

Do que é que ele está a falar,
Miguel?

Miguel olha para os amigos.

MIGUEL

Disto...

Com gestos lentos e deliberados desaperta o cinto das calças e abre a braguilha.

A expressão nas caras de Jaime e Henrique reflectem o horror do que estão a ver.

MIGUEL

Eu, que passo a vida a salvar
vidas, nunca fui capaz de gerar
uma.

118A) INT. CASA DE JAIME/SALA - NOITE

Catarina está de pé, exaltada. Joana olha-a, embaraçada.

CATARINA

Como é que tu os deixaste fazer
isso, Joana? Isto é contra todos os
princípios. Contra os princípios
deles, bolas.

Vira-se para Joana.

CATARINA

O meu pai ensinou-me um código de
conduta. Valores. A democracia, a
liberdade, a justiça. Foi por causa
dele que eu fui para advogada,
Joana.

JOANA

Eles estão a fazer justiça, de
certa forma...

CATARINA

É isso que achas? A lei da selva agora é justiça? Cada um por si, e olho por olho? É isso?

Joana levanta-se, também exaltada.

JOANA

O teu pai não me pediu autorização.

CATARINA

E se tivesse pedido, era diferente?

JOANA

Claro que sim.

CATARINA

Isso eu já não acredito. O meu pai...

(pausa)

O meu pai era diferente antes de vocês começarem a andar juntos.

JOANA

Era o que faltava. Agora, a culpa do teu pai beber é minha?

CATARINA

Não - isso não, mas... Ele precisa de estabilidade; de uma estabilidade que tu não lhe dás, nem nunca vais dar.

JOANA

O que é que tu sabes de nós, para dizer uma coisa dessas? És muito atrevida.

Joana vai responder, mas depois respira fundo.

CATARINA

Eu adorava ficar aqui a discutir contigo, mas há coisas mais importantes a decidir.

As palavras dela têm o dom de fazer Joana cair em si.

JOANA

Sim, tens razão. O que é que vamos fazer? As duas.

CATARINA

Eu sei o que é que temos de fazer.
Não sei é se temos coragem para
isso.

118B) INT. ESTÁBULO - NOITE

Jaime está perto de Miguel. O ambiente no estábulo é agora opressivo. Os homens entreolham-se, calados, inseguros sobre o que fazer a seguir.

Mendes Oliveira sorri, com malícia, e interrompe o silêncio.

MENDES OLIVEIRA

Tu eras casado, não eras? A tua
mulher gostou do meu serviço?

Miguel vira-se para o homem. Depois, e sem aviso, salta para cima dele, fazendo tombar a cadeira de costas. Agarra-se ao pescoço do pido, tentando estrangulá-lo.

MIGUEL

Maldito! Maldito!

Jaime e Henrique precipitam-se para ele, agarrando-o, mas o amigo está possesso e resiste, continuando a estrangular o pido.

JAIME E HENRIQUE

Pára! Não, Miguel! Larga-o.

Henrique consegue puxar Miguel para o lado; os dois tombam e Miguel rola sobre Henrique.

Jaime debruça-se sobre Mendes Oliveira, que está a estrebuchar, tentando reanimá-lo.

Miguel tenta erguer-se, ainda furioso. A espingarda de Jaime está encostada à parede, no lugar do costume. Miguel agarra nela e aponta-a para os outros homens.

MIGUEL

Vou matar-te, porco!

Henrique arrasta-se para o lado, mas Jaime coloca-se entre Miguel e Mendes Oliveira.

JAIME

Não faças isso, Miguel.

MIGUEL

Sai da frente! Sai da frente que eu quero acabar já isto.

JAIME

Miguel...

Jaime estende a mão para o cano da arma.

MIGUEL

Não me obrigues a disparar, Jaime.

HENRIQUE

Sai da frente dele.

Jaime agarra no cano da arma e puxa-a para o seu próprio estômago. Mantém-na aí enquanto continua a falar.

JAIME

Quantas horas é que um gajo demora a morrer com um tiro na barriga?

Miguel empurra-o com o cano da arma.

MIGUEL

Por favor...

JAIME

E sofre como o caracas, não é?

O dedo de Miguel acaricia o gatilho da arma. Mendes Oliveira parou de tremer e olha a cena com evidente deleite. Henrique começa a levantar-se, devagar, quando se ouve...

UM TIRO.

O cano fumegante da espingarda está virado para cima, para o tecto do estábulo. Miguel, que segura a arma nessa posição, soluça de olhos fechados. Jaime aproxima-se dele e abraça-o, acalmando-o.

119) INT. MONTE - NOITE

Jaime entra na sala e pousa a espingarda em cima da mesa.

Henrique entra depois, seguido por Miguel. Este deixa-se cair no sofá, exausto.

MIGUEL

Tudo o que a Ana queria nesta vida era ter filhos. O Mendes Oliveira roubou-nos isso.

JAIME

Não sabia.

MIGUEL

Não é propriamente uma coisa que se ande por aí a anunciar.

Vira-se para os amigos.

MIGUEL

Mas a vida continua, não é? A nossa continuou. Não exactamente a vida que sonhámos, mas a que pudemos ter. E agora até essa vai acabar.

Ficam um instante em silêncio.

HENRIQUE

O que é que vamos fazer?

JAIME

Não sei. Realmente não sei.

HENRIQUE

Do meu ponto de vista, só há duas alternativas.

Os outros dois ouvem-no com atenção.

HENRIQUE

Ou entregamos este gajo à polícia, e arcamos com as consequências do que fizemos.

JAIME

Ou...?

HENRIQUE

Ou o pide desaparece para sempre e a história termina aqui.

JAIME

Desaparece?!

Henrique olha em redor.

HENRIQUE

Há muita terra por aqui. E tu tens uma pá, não tens?

O silêncio volta a instalar-se.

MIGUEL

Há outra solução. Um de nós assumir tudo isto e arcar com as responsabilidades.

HENRIQUE

Quem?

MIGUEL

Quem é que tem menos a perder?

(para Henrique)

Tu tens a tua carreira, os teus negócios, o teu filho.

(para Jaime)

E tu - tens a Joana e a Catarina.

Jaime avança para o amigo.

JAIME

Nem penses nisso, Miguel. E a Ana? E os teus pacientes? Além disso, a culpa de tudo isto é minha.

Olha para Henrique.

JAIME

Eu amanhã entrego o Mendes à polícia. Vocês levam o carro dele e eu trato do resto.

HENRIQUE

Mas ele vai falar. Vai denunciarnos a todos.

JAIME

Não - ele tem coisas demais a esconder. Se eu não o denunciar ele também não nos denuncia.

(para Miguel)

Eu invento uma história, não te preocupes. É nisso que eu sou bom.

Miguel baixa o olhar.

MIGUEL

Vamos dormir. Hoje não consigo pensar.

120) EXT. MONTE - AMANHECER

O dia nasce sobre os intermináveis campos alentejanos, com a sua promessa de vida sempre renovada.

121) INT. MONTE - AMANHECER

Jaime endireita-se no cadeirão onde dormiu. Esfrega os olhos e olha em redor. O seu olhar pára no sofá onde

Miguel costuma dormir. A manta está lá, amarrotada e caída no chão, mas de Miguel não há sinal.

JAIME

Miguel...?

Jaime olha para cima da mesa. A arma também já não está lá. Levanta-se e dirige-se à porta da casa.

122) EXT. MONTE - DIA

Jaime sai e olha para o exterior. Nada.

JAIME

Miguel!

Henrique surge atrás dele, com ar de quem dormiu mal.

HENRIQUE

O que foi?

JAIME

Viste o Miguel?

Henrique abana a cabeça. Os dois olham para o estábulo.

123) INT. ESTÁBULO - DIA

Jaime e Henrique entram de rompante no estábulo. A cadeira está vazia, com as cordas caídas no chão.

JAIME

Porra! O que é que aquele gajo foi fazer?

HENRIQUE

Era só o que faltava.

Jaime sai.

124) EXT. MONTE - DIA

Jaime olha em redor, vasculhando o horizonte.

Ao longe, noutra monte, a mais de um quilómetro de distância, vêm-se as figuras longínquas de dois homens que caminham.

JAIME

Ali. Porra, Miguel!
(para Henrique)
Anda, vamos atrás dele.

Henrique recua.

HENRIQUE

Não - eu não vou. Não posso.

JAIME

O Miguel vai fazer uma asneira,
Henrique. Ele tem a minha
espingarda.

HENRIQUE

Asneiras é só o que vocês têm feito
desde o início.

JAIME

Mas isto não. Tu é que deste a
ideia, Henrique.

HENRIQUE

Não sejas hipócrita. Diz-me que não
tinhas também pensado nisso.

Jaime começa a descer a encosta, sem responder.

HENRIQUE

Não sejas estúpido! Deixa-o
terminar o que vocês começaram!

125) EXT. CAMPO - DIA

Mendes Oliveira caminha alguns passos à frente de Miguel,
que leva a espingarda. O pide carrega uma pá nas mãos e
fala por cima do ombro.

MENDES OLIVEIRA

E agora, como é que vai ser?

MIGUEL

Anda.

MENDES OLIVEIRA

Não andámos já o suficiente? Este
local é tão bom para morrer como
qualquer outro.

MIGUEL

Continua!

MENDES OLIVEIRA

Ou está a faltar-te a coragem.

Pára e roda, enfrentando Miguel.

MENDES OLIVEIRA

É isso, não é? O senhor doutor não vai ter coragem de disparar essa arma a sangue frio.

Miguel aponta-lhe a arma.

MIGUEL

Não me desafies, pá. Continua a andar!

Mendes Oliveira olha em redor e depois recomeça a andar.

126) EXT. ESTRADA RURAL - DIA

Um jeep da GNR acelera por uma estrada rural.

127) INT. JEEP DA GNR - DIA

Um SOLDADO da GNR segue ao lado do condutor.

No banco de trás, em silêncio, segue o sargento Gomes, ladeado por Joana e Catarina.

128) EXT. TRILHO NO CAMPO - DIA

Jaime anda apressadamente pelo trilho no campo, procurando sinais da passagem de Miguel e do pide.

JAIME

Miguel! Miguel!

129) EXT. CAMPO - DIA

Mendes Oliveira continua a caminhar seguido por Miguel. Ouve o grito distante de Jaime.

JAIME (O.S.)

Miguel!

Miguel pára.

MENDES OLIVEIRA

O teu amigo já aí vem.

Miguel hesita, confuso. Depois aponta a arma para o pide.

MIGUEL

Larga a pá.

O pide obedece.

MIGUEL

Ajoelha-te! Agora!

Mendes Oliveira ajoelha-se com dificuldade, levantando as mãos.

MENDES OLIVEIRA
Vai ser aqui, então?

Olha à volta. Miguel aponta a arma.

MIGUEL
Cala-te!

A expressão de Mendes Oliveira muda novamente. Agora parece finalmente ter percebido que vai morrer, e está assustado.

MENDES OLIVEIRA
Por favor. Não faças isso. Eu conto tudo...

MIGUEL
O quê...?

MENDES OLIVEIRA
Não queres saber como é que morreu o teu amigo?

Miguel hesita uma vez mais. Mendes Oliveira olha em redor. A voz de Jaime ouve-se, mais perto.

JAIME (O.S.)
Miguel, onde estás?

Mendes começa a falar.

MENDES OLIVEIRA
O Marcelino era duro.

130) INT. EDIFÍCIO DA PIDE/SALA DE INTERROGATÓRIOS – NOITE (FLASHBACK)

Vemos Mendes Oliveira por trás de Marcelino, que está sentado e amarrado. O homem tem um saco de plástico enfiado na cabeça e tenta respirar mas o saco cola-se-lhe à boca.

MENDES OLIVEIRA (V.O.)
Dos mais duros que encontrei. Não falava nem por nada.

131) EXT. MONTE - DIA

Henrique está a entrar a sair da casa do monte quando o jeep da GNR chega ao local.

HENRIQUE

Porra!

Henrique esconde-se atrás da esquina.

O sargento e um soldado desembarcam, seguidos por Joana e Catarina.

Enquanto os militares se dirigem ao estábulo, Joana olha em redor. Vê os vultos dos homens à distância. Aponta para lá.

JOANA

Estão ali!

Os militares começam a correr na direcção que ela apontou.

132) EXT. CAMPO - DIA

Mendes Oliveira continua a falar, sempre sob a mira de Miguel.

MENDES OLIVEIRA

Andámos nisto mais de um mês, até recebermos instruções de cima.

133) INT. EDIFÍCIO DA PIDE/ESCADAS - NOITE (FLASHBACK)

Mendes Oliveira sai de uma sala. Afasta-se para dar passagem a Marcelino, que vem cambaleante, meio apoiado num dos outros agentes da PIDE.

O agente cruza um olhar com Mendes Oliveira quando passa por ele.

MENDES OLIVEIRA (V.O.)

As ordens eram claras. O Marcelino devia ter um acidente.

No momento em que Marcelino chega ao primeiro degrau das escadas, o pide que o apoia afasta-se e coloca-lhe a mão nas costas.

Mendes Oliveira carrega no interruptor e tudo fica escuro. Ouve-se o barulho de um corpo que rola pelas escadas e um grito abafado, até se fazer de novo o silêncio.

As luzes voltam a acender-se. O pide está no cimo das escadas, olhando para baixo. Mendes Oliveira acerca-se dele e olha na mesma direcção.

O corpo inerte de Marcelino jaz no fundo do lance de escadas, numa posição impossível.

MENDES OLIVEIRA (O.S.)

Eu não queria fazer isso, juro. Eu não sou assassino.

134) EXT. MONTE - DIA

Miguel avança para Mendes Oliveira com a arma apontada. O pide, que continua ajoelhado, ergue as mãos para a cara.

MENDES OLIVEIRA

Eu só recebia ordens, sabe? Nós todos só recebíamos ordens. A culpa não é nossa. Você foi militar, sabe o que é isso. A culpa era deles.

Miguel quase encosta a arma ao rosto do pide.

MIGUEL

Filho da...

Nesse momento ouve-se um barulho próximo.

JAIME (O.S.)

Baixa a arma, Miguel.

Mendes Oliveira e Miguel olham para Jaime que está a alguns metros e se aproxima lentamente, com as mãos ligeiramente erguidas.

JAIME

Já chega. Já fomos longe de mais com esta história.

MIGUEL

Ele acabou de confessar.

Mendes Oliveira olha em redor, aproveitando a interrupção de Jaime. Vê a pá pousada perto de si.

JAIME

Já não interessa, Miguel.

MIGUEL

Ele matou o Marcelino. Matou-o.

Mendes Oliveira agarra na pá e roda-a com violência, acertando na cara de Miguel. O médico cambaleia e larga a espingarda. O pide agarra-a imediatamente e levanta-se.

Jaime corre para os dois. Mendes Oliveira ergue-se e dispara à queima-roupa contra Jaime, que se desvia.

O tiro atinge Jaime de raspão numa perna. O homem cai e Mendes Oliveira recua, de arma na mão, de forma a conseguir ter os dois sob mira.

Miguel arrasta-se até Jaime, que está agarrado à perna ferida. Mendes Oliveira sorri. A máscara de arrependimento desapareceu e foi substituída por um sorriso malévolos.

MENDES OLIVEIRA

Como as coisas mudam de um momento para o outro.

MIGUEL

Ele está ferido. Tenho de ir buscar ajuda.

MENDES OLIVEIRA

Podes é agarrar nessa pá e começar a cavar.

MIGUEL

Não.

Mendes Oliveira ergue a arma, fazendo pontaria.

MENDES OLIVEIRA

Então vais morrer, como o outro cafageste morreu.

O sargento da GNR surge nesse momento a alguns metros, seguido pelo outro soldado. Estaca de repente quando vê Mendes Oliveira, e aponta a pistola ao pido.

SARGENTO

Alto! Mãos ao ar.

Mendes Oliveira roda, com a arma ainda apontada.

SARGENTO

Largue a arma, já!

Mendes Oliveira não obedece e dispara contra os militares, que mergulham para o lado, procurando abrigo.

O sargento riposta com um TIRO, seguido pelos DISPAROS do outro soldado.

Mendes Oliveira é atingido uma, duas vezes, e cai sobre um joelho.

SARGENTO

Chega! Chega!

O pide tomba para o lado e fica a olhar para o céu, imóvel.

Joana e Catarina surgem logo a seguir. Passam pelo pide tombado. Catarina leva a mão à boca, chocada, mas Joana puxa-a pelo braço, e continuam a correr em direcção a Jaime e Miguel.

135) ~~EXT. MONTE — DIA~~

(OMITIDA)

136) ~~EXT. CAMPO — DIA~~

(OMITIDA)

137) ~~EXT. TRILHO NO CAMPO — DIA~~

(OMITIDA)

138) ~~EXT. TRILHO NO CAMPO/NOUtro LOCAL — DIA~~

(OMITIDA)

FADE TO BLACK.

FADE IN:

139) ~~INT. ENFERMARIA — DIA~~

(OMITIDA)

140) INT. MORADIA DE HENRIQUE/DIA

Henrique entra em casa, com ar cansado.

HENRIQUE

Marla...?

Fecha a porta.

141) INT. MORADIA DE HENRIQUE/CORREDOR — DIA

Henrique sobe os últimos degraus da escada e entra no corredor em direcção ao seu quarto. Segue de cabeça baixa.

Começamos a ouvir o som de vozes e risos que vêm do quarto. Henrique para e levanta a cabeça. A sua expressão muda.

Caminha de novo para o quarto, mas desta vez com a preocupação de não ser ouvido. Vindos da porta entreaberta ouvem-se agora, nitidamente, o som das vozes.

Henrique chega ao pé da porta e espreita.

POV de Henrique – Marla, nua, de costas, está sentada em cima de um homem, na cama de casal.

Pior ainda – o homem é Bernardo.

A expressão de Henrique muda. O choque é total. Mas o homem não faz nada. Recua dois passos e volta a afastar-se pelo corredor.

Chega às escadas e encosta-se à parede. Solta um único soluço, abafado, e deixa-se escorregar até ficar sentado nos degraus, sozinho, assombrado pelos risos da namorada e do filho.

CORTA PARA:

142) EXT. CASA DE MIGUEL – DIA

Ana está no jardim da casa, com Maria. Estão a fazer ramos de flores. As duas param de brincar quando o carro de Miguel estaciona.

Miguel sai do carro e acena. Ana levanta-se e ajeita a roupa. O marido aproxima-se.

ANA

Voltaste.

MIGUEL

Acho que sim...

Olha para a criança, que lhe estende uma flor, sorrindo. Miguel agarra nela ao colo.

MIGUEL

Como é que te chamas? Maria?

Começa a caminhar para dentro de casa.

MIGUEL

Já te disseram que és muito bonita,
Maria?

Ana sorri e segue os dois.

CORTA PARA:

143) INT. CASA DE JAIME – DIA

A porta da casa de Jaime abre-se. Ele entra, coxeando, apoiado em Joana e Catarina. A perna ferida foi ligada.

JOANA

Cuidado... Senta-te aí.

CATARINA

Vou buscar água.

Jaime deixa-se cair no sofá.

JAIME

Joana...

JOANA

Não digas nada. Depois falamos.

Afasta-se em direcção à cozinha.

Jaime olha em redor. Vê o manuscrito em cima da secretária, com o post-it amarelo que Catarina escreveu. Estica-se e agarra no volume.

No post-it está escrito:

"Não arranjas um final melhor?"

Jaime sorri e abana a cabeça. Olha para a cozinha, onde Catarina e Joana falam com alguma cumplicidade.

JAIME

(para si)

Arranjo. Arranjo, sim.

Volta a olhar para o manuscrito. Depois joga-o para o cesto do lixo.

FADE OUT.

FIM